

Igor Cristiano Oliveira Nascimento, SJ

**CORPO E TRANSCENDÊNCIA NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR
EM DIÁLOGO COM EMMANUEL LEVINAS**

Monografia de Bacharelado de Filosofia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marília Murta Almeida

Belo Horizonte
FAJE –Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2023

Igor Cristiano Oliveira Nascimento, SJ

**CORPO E TRANSCENDÊNCIA NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR
EM DIÁLOGO COM EMMANUEL LEVINAS**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marília Murta Almeida

Belo Horizonte
FAJE –Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2023



A Criação de Adão, Michelangelo Buonarroti – 1508-1512

*E a palavra se fez **carne** e veio
morar entre nós, e nós
contemplamos a sua glória, glória
como do Unigênito do Pai, cheio
de graça e verdade.
João 1,14*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus fonte e origem de todo bem, por me ter alcançado com a sua misericórdia. *Nele vivemos, nos movemos, existimos e somos, como disseram alguns dentre vossos poetas.* (At 17,28). Dou graças e reverencio a grandiosidade de todo o bem que Deus na sua infinita misericórdia, me doou, pelo que me chama a segui-lo. *Nele fui enriquecido em tudo, em toda palavra e em todo conhecimento* (Cor 1,5). Agradeço a Jesus pela sua companhia amorosa na minha vida. É nele e por ele que desejo continuar trilhando o caminho da vida doada em favor dos que são invisíveis. *Nele desejo permanecer unido. Permaneci em mim, e eu permanecerei em vós* (Jo 15,4). Agradeço ao Espírito Santo por me impulsionar com sua força criadora e pelos dons que me deu. Agradeço também pelo consolo nos momentos de dúvidas, medos e incertezas. *Temos as primícias do Espírito, gememos em nosso íntimo, esperando a adoção filial, a redenção de nosso corpo. Como pode alguém esperar o que já vê? Se toda via esperamos o que não vemos, é porque o aguardamos com perseverança. Da mesma forma, Espírito Santo vem em socorro de nossa fraqueza, pois não sabemos o que pedir.* (Rm 8,24-26).

Este meu agradecimento será a expressão da minha gratidão por tantas pessoas que na minha a travessia de vida se faz presença constante de apoio com seu afeto e amizade.

Quero dedicar esse meu trabalho aos meus avós paternos, *Maria Florentina* e *José Laudelino*. Responsáveis pela minha educação, foram os que primeiro me transmitiram valores que até hoje me são muito importantes e que servem como guia nos momentos obscuros que a vida de vez em quando me apresenta. Dedico esta pesquisa acadêmica a eles porque passaram para mim desde muito cedo a importância da educação, muito embora não tivessem a oportunidade de estudar, pois eram pessoas simples da zona rural. Meus avós sempre incentivaram a todos da minha família a estudar e fizeram muitos sacrifícios para oferecer acesso à educação aos seus filhos migrando da zona rural para cidade de Terra Nova - BA. Sonhavam e desejam oferecer oportunidades e melhores condições de estudos. Desde criança eu escutava minha avó dizer que quando ela era criança queria muito aprender a ler, a estudar. Mas como seus pais eram de família pobre e da zona rural e afetados por uma série de desigualdades, a sua mãe a proibiu de estudar dizendo que ela tinha que trabalhar. Não saía da memória da minha avó a fala da sua mãe: “pobre não tem que estudar, tem que trabalhar para sobreviver!”. “Um pão e um pedaço é um pão e meio”, dizia ela. O meu avô era uma pessoa que sonhava muito em aprender a ler, pois desejava ler a bíblia. Aos seus 70 anos, aprendeu a ler com o projeto criado pelo MEC no ano de 2003: Programa Brasil Alfabetizado.

Somos a história que temos. Somos a construção da narrativa que escolhemos narrar. E essa é a minha história costurada e amaranhada numa tecitura de encontros de desencontros dos meus ancestrais que me fizeram chegar neste lugar que estou atualmente. Meus avós não estão mais aqui, pois faleceram. Mas quero ofertar esse trabalho para eles, acho que estariam muito orgulhosos. Essa conquista não é só minha, não quero fazer que seja só minha, mas que seja deles também. “Eu sou porque nós somos.”

Agradeço aos familiares, aos meus pais *Crispiniano dos Santos* e *Lucidalva Amaral* pela generosidade, amor e cuidado. À minha mãe sou grato por empreender tantos esforços em cuidar de mim, me oferecer o melhor que pôde para que tivesse dignidade. Obrigado por me ajudar a entender que só ama quem se arrisca. O amor se faz arriscando. Obrigado por se arriscar tanto pela minha vida.

Agradeço à *Companhia de Jesus*, comunidade religiosa da qual eu faço parte. Agradeço por me ajudar a compreender a minha vocação numa vida que deve ser doada em favor dos demais. Agradeço a tantos jesuítas que contribuem para meu crescimento humano. Agradeço à Companhia de Jesus por reconhecer e potencializar os meus dons e talentos e me ajudar a me pôr a serviço dos outros na missão.

Agradeço aos meus queridos professores da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. Quero, na pessoa da professora *Marília Murta*, agradecer a todos pelo comprometimento, seriedade e excelência acadêmica a que tanto se dedicam num papel primoroso de nos provocar a pensar numa *polis* ética e mais justa. Agradeço a Marília pela escuta atenta e preciosa que transcendeu a orientação acadêmica e filosófica deste trabalho. Neste tempo compartilhamos a vida na concretude do que ela realmente é. Agradeço a escuta generosa e pelo cuidado a mim dedicado na sua atenção afetuosa.

Agradeço aos meus amigos, *Marcia Rute*, *Viviane Dórea*, *Aline Lima*, *Marineide*, *Aldeman Neto*, e *Jerfferson Amorim* por serem minha companhia na vida com a amizade sincera afetuosa. Agradeço aos meus colegas de turma da faculdade, *Joana*, *Alejandro*, *Alba*, *Luan*, *Gustavo*, *Hytalo*, *Ricardo*, *Dulcinéia*, *Alisson*, *Renan* e *Rafaela*. Obrigado por compartilharem momentos de alegrias e grandes conquistas comigo. Agradeço-lhes por aceitarem fazer essa travessia existencial e acadêmica juntos.

Agradeço a minha comunidade *Padre Malagrida* a qual compartilho a vida e missão juntos. A eles meus sinceros agradecimentos pela paciência e escuta atenta neste período de trabalho acadêmico. Neste período de pesquisa, *Caio*, *Thalisson*, *David*, *Vanderlei*, *Célio* e *James*, tiveram que ter a paciência de me escutar falar de Clarice Lispector muitas vezes no

café, no almoço e em outros momentos comunitários. Agradeço ao *James* em especial pela colaboração na revisão e correção paciente dos meus escritos.

Por fim, agradeço a Clarice Lispector por [...] segredo que ficará entre nós.

*“Plena do dom que Deus me deu.
Sei que é ele a mim que me ausenta.
E quando nada do que sou canta.
E o silencio cava grotas tão profundas.
Pois mesmo aí na pedra ainda,
ele me faz ser o que em mim nunca se finda”.*

Chico César¹

¹ Dona do Dom, composição Chico Cesar, feita em homenagem à Maria Betânia.

Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.

Clarice Lispector

O mundo é largo, mas eu também.

Clarice Lispector

RESUMO

Nesta pesquisa buscaremos oferecer uma reflexão dialógica da antropologia filosófica presente na literatura, tendo como suporte duas obras da escritora e romancista Clarice Lispector, *Uma aprendizagem ou Livro dos Prazeres* e *A paixão Segundo G.H.* Para aprofundar esta pesquisa, iremos percorrer um itinerário de diálogo com o filósofo francês Emmanuel Levinas em sua obra *Totalidade e Infinito*. A primordial análise deste trabalho é buscar compreender o ser humano, sua busca de sentido e a transcendência que se dá em suas relações a partir da encarnação cotidiana da existência num processo de *alteridade*. Aprofundaremos a relação que o ser humano tem o cosmo, consigo mesmo, com o outro e com o absoluto; tudo isso por meio de uma releitura da obra clariciana.

PALAVRAS-CHAVE: Transcendência. Corpo. Antropologia. Clarice Lispector. Emmanuel Levinas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A IDEIA DE CORPO PRESENTE NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR.....	17
1.1 Apresentação do Romance: A Paixão Segundo G.H.....	17
1.2 Corpo e Mundo Sensível	21
1.3 Corpo e Alteridade.....	22
1.4 Corpo e Experiência Transcendente	23
1.5 O Corpo e Redenção.....	25
2 A NOÇÃO DE TRANSCENDÊNCIA SURGIDA NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR: NOVOS HORIZONTES, PONTES DE DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A FILOSOFIA	28
2.1 Apresentação do Romance Uma Aprendizagem Ou O Livro Dos Prazeres	30
2.2 O Ser Humano Diante do Inefável e do Indizível	31
2.3 O Ser Humano Diante do Mistério	35
2.4 Por uma Metafísica do Corpo.....	39
3 IMPLICAÇÕES ÉTICAS EM TORNO DOS CONCEITOS DE CORPO E TRANSCENDÊNCIA PRESENTES NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR.....	42
3.1 Corpo-Ético	45
3.2 Corpo-Hospitalidade.....	49
3.3 Corpo-Metamorfose	51
3.4 A Dor de Lóri, dor do humano	55
CONCLUSÃO.....	59
REFERÊNCIAS	62

INTRODUÇÃO

No seguinte trabalho, o que se pretende é elaborar uma pesquisa com temáticas conceituais presentes na tradição da antropologia filosófica que aparecem na obra literária da escritora e romancista Clarice Lispector. Tencionamos, pois, analisar, ratificar e solidificar que na forma com que Clarice escreve sua literatura há uma linguagem filosófica literária que pode colaborar para a reflexão da antropologia filosófica. Desta maneira, o caminho a ser percorrido será o de buscar compreender, a partir de uma análise filosófica, como Clarice Lispector enxerga *o ser humano, como ele se situa no mundo e como ele se compreende como ser para uma realização*. A pergunta fundamental para este trabalho será: *o que é o ser humano na obra clariciana e como ele se autorrealiza, segundo a escritora?*

Fica clarificado para quem tem contato com a obra clariciana que ela vai pensar a condição existencial do ser humano como aquele que rompe com a banalidade cotidiana para assim transcender. Isto é, buscar dar uma significação para sua existência no mundo através do seu movimento de excesso ontológico. Aqui entende-se transcendência como um ato de existir no mundo, no tempo e no espaço em que o próprio sujeito vive na aspiração de se compreender para assim alcançar a plena felicidade. Primeiramente buscaremos compreender como Clarice Lispector entende o ser humano no tempo e no espaço. Antes de qualquer tentativa de oferecer concepções e teorias filosóficas ou literárias, buscaremos compreender o próprio ato transgressor da escrita clariciana como um modo de ultrapassar a estrutura linguística para falar de coisas que estão numa realidade imanente, mas que, no entanto, não conseguimos abarcar. A escrita clariciana é transgressora porque ela conhece os limites da linguagem, entretanto isso não a impossibilita de querer mergulhar dentro do mistério. A obra clariciana se caracteriza por uma escrita que fala do humano por um prisma do próprio humano. O ser humano vive uma abertura da sua vida *ordinária*, para aquilo que se expressa no cotidiano de sua existência. Este consiste em ser o lugar por excelência onde a experiência de transcendência acontece. “Não transcender é um sacrifício e transcender era antigamente o meu esforço humano de salvação, havia uma utilidade imediata em transcender. Transcender é uma transgressão. Mas ficar dentro do que é, isso exige que eu não tenha medo.” (LISPESCTOR, 2020a, p.80). A vida não cabe em nenhum tipo de conceito, porque saber que se vive também é conhecer os limites da razão. A nossa esperança consiste em nos aproximarmos do mistério que somos, não a partir de aparatos lógicos e racionais. Mas se aproximar da vida de modo a sentir a existência, sentir o fenômeno que é afirmar: “eu existo”. Sabe-se que se vive quando se sente que se vive, quando

a consciência de que se vive é acompanhada de um “gosto de ser” (LISPECTOR, 2020a, p. 17). Ou seja, o corpo confere, corrobora para construção da subjetividade do ser humano.

Tendo como tema central deste trabalho as dimensões do *corpo* e da *transcendência* a partir de um espectro da obra clariciana, temos como objeto de estudo o pensamento de raiz literário-filosófico da autora. Queremos aprofundar esta temática a partir de uma releitura das seguintes obras: *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres* e *A paixão segundo G.H.*, para daí entendermos como a escritora compreende o que seja o ser humano, sob quais perspectivas ele se relaciona com seu corpo; qual a concepção de transcendência no pensamento da obra clariciana. De maneira concisa iremos postular e apresentar integração e unicidade de *corpo* e *transcendência* a partir do pensamento e da obra clariciana. Primeiramente partindo de um estudo e reflexão da obra da Clarice entendemos que ela ultrapassa o pensamento dualístico da cultura ocidental. A nossa civilização ocidental compartilha uma tradição filosófica em que pensa o *corpo* somente como um aprisionamento da alma. Defende-se a ideia de que o corpo é limitado pelas leis da natureza, de modo que por muito tempo se construiu o discurso de que é necessário transcender este mundo corpóreo e material para que, deste modo, se alcance o mundo mais real. Esta mesma tradição enfatiza o espírito em detrimento do corpo. Segundo o pensamento advindo da cultura ocidental e que, posteriormente, a tradição cristã adotou, acredita-se que a verdadeira e perfeita realidade está além do mundo em que estamos situados. Clarice Lispector pensa no corpo como um lugar em que a manifestação fenomênica da existência acontece e esta, por sua vez, conduz o ser humano para sua humanização que é também transcendência, pois tornar-se o que já é, supõe transcender a nossa objetividade. “A grande realidade neutra do que eu estava vivendo me ultrapassava na sua extrema objetividade. Eu me sentia incapaz de ser tão real quanto a realidade que estava me alcançando”. (LISPECTOR, 2020a, p.98) A consciência de si, consciência de estar no mundo não vem de um acontecimento apoteótico que vem de uma experiência transempírica que foge do real. Em princípio a formação subjetiva do ser humano nasce da consciência de que possui um corpo, um corpo encarnado no mundo. Deste modo o corpo também se constitui o lugar privilegiado em que o ser humano constrói à sua subjetividade, seu ser no mundo, ser consigo e com o outro. Por conseguinte, podemos intuir que a transcendência na obra clariciana pode ser compreendida como uma espécie de lampejo ou epifania em que a consciência do ser humano alcança a um tipo de conhecimento pleno. Essa experiência provém de uma harmonia ou profunda paz já que se trata de alguém que se deixa ser tocado pelo mistério da existência. Transcendência em Clarice não é entendida como uma absolutização da *ratio* como defendem os filósofos da modernidade e da contemporaneidade como Descartes, Kant e Hegel. Com isso não significa

dizer que Clarice Lispector rejeita o exercício da razão, não se trata disto, pois fez as suas belíssimas obras utilizando-se dela, como também da sua capacidade intuitiva. No entanto, mais do que entender, Lispector deseja tocar o mistério daquilo de que somos feitos, conhecer desde dentro a condição humana. Por isso ela não só vive uma experiência de transcendência em seu ato de criação, como também suas obras tocam e dizem desta mesma experiência que busca compreender e tocar no humano. A transcendência existe na obra clariciana porque penetra no humano para daí encontrar-se com a própria humanidade de modo que una o seu ser a uma aspiração de felicidade, que é conhecer e orientar-se na direção de seu mistério absoluto.

Na obra clariciana a existência é primordialmente concebida e sentida pelo corpo, este por sua vez trata da manifestação visível do ser no mundo. Segundo Henrique C. de L. Vaz, o ser humano se autoafirma num movimento estrutural que constitui sua unidade do *ser-em-si*, que se compreende como uma unidade existencial (manifestação da vida), e no seu, *ser-para-o-outro*, que trata da alteridade, abertura ao outro. (VAZ, 1992, p.142). Esta autoafirmação consentida possibilita ao ser humano alcançar ou viver numa abertura de transcendência tendo como horizonte a própria realização. Postulada tal compreensão, podemos prescindir com absoluta eloquência que a partir da percepção sensível e que através do desejo de Clarice Lispector de penetrar no mundo interior de si e do outro, o seu pensamento e a sua obra mergulha e comunga profundamente desta perspectiva antropológica: ser na relação consigo, mas também numa comunhão com outro. No mais profundo de nós habita-nos o desejo pela comunhão e pelo absoluto, é desse modo que nos realizamos, em horizonte aberto e transcendente.

Na tradição filosófica, há muitas interpretações conceituais de *corpo* e *transcendência*. De acordo com esta mesma tradição, o ser humano só pode afirmar-se enquanto ser no mundo a partir da totalidade físico-orgânica do seu *corpo*, pois é segundo esta compreensão que o sujeito se expressa no mundo, ou seja, o corpo marca aqui uma abertura expressiva do ser humano. O *estar no aqui e agora* não é reduzido somente a um entendimento espaço temporal, mas possui um duplo caráter de sentido antropológico do ser humano como espaço-tempo e auto expressividade intencional que possibilita, portanto, a constituição de sua identidade, bem como sua transcendência expressiva no seu ser corpo (VAZ. 2014, p. 178-182).

Em Clarice Lispector, o ser humano vai ser visto e entendido como um ser de expressividade; na antropologia filosófica clariciana há admiração e perplexidade diante do fenômeno do existir humano. A vida humana segundo Clarice Lispector se faz entre a *imanência* e *transcendência*, entre a percepção de si mesmo e do outro, entre a materialidade e o

acontecimento que transcende a possibilidade de uma linguagem, que a existência humana se experimenta e se vive algo que é indizível.

E quando notou que aceitava em pleno o amor, sua alegria foi tão grande que o coração lhe batia por todo o corpo, parecia-lhe que mil corações batiam-lhe nas profundezas de sua pessoa. Um direito-de-ser tomou-a, como se ela tivesse acabado de chorar ao nascer. Como? Como prolongar o nascimento pela vida inteira? Foi depressa ao espelho para saber quem era Loreley e para saber se podia ser amada. Mas assustou-se ao se ver.

Eu existo, estou vendo, mas quem sou eu? (LISPECTOR, 2020b, p.124).

Consequentemente, podemos identificar que na obra *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* há a possibilidade de aproximarmos o mundo escrito pela autora com uma descrição que contempla uma abordagem de base filosófica. Nesta obra, a autora propõe um olhar diante da vida através do processo de autorrealização que só se alcança na transcendência, por meio do *outro*, de um outro que é real.

De outro modo, entende-se que a vida, segundo Clarice, se dá, se constitui na encarnação, podemos dizer encarnação como assumir o próprio absurdo da existência, ou seja, a vida humana se constrói e se afirma como *ser-no-mundo* emergido de uma realidade corpórea. Nela, a vida cotidiana toca na carne, toca no *corpo*. A transcendência em Clarice Lispector advém do cotidiano, e o cotidiano ordinário é, portanto, o lugar do *corpo*.

Em seguimento, buscaremos oferecer e integrar as bases filosóficas a partir de uma aproximação dialógica com o filósofo francês Emmanuel Levinas em sua obra *Totalidade e Infinito*. Podemos, pois, concluir que a compreensão de transcendência em Clarice Lispector se dá a partir de uma relação de aprendizagem com o outro. Só há reconhecimento da singularidade do *ser pessoa* quando há um *outro*, pois esse *outro* me revela a mim mesmo, bem como nos conduz a um processo de humanização. Como podemos conferir neste trecho: “não encontro uma resposta quando me pergunto: “quem sou eu? Mas acho que agora sei: profundamente sou aquela que tem a própria vida e também a tua vida. Eu bebi a nossa vida” (LISPECTOR, 2020b, p. 149). De acordo com o filósofo francês Emmanuel Levinas, não pode haver possibilidade de transcendência sem que haja relação de acolhimento e responsabilidade pelo *outro*, aqui esta dimensão se coloca de maneira *encarnada*, pois o *outro* possui um *rosto* (LEVINAS, 1988, p.208,209). Após problematizar e apresentar o objeto de aprofundamento da reflexão posta nesta pesquisa, o método escolhido a ser percorrido e aprofundado é o seguinte: No primeiro capítulo, buscaremos apresentar a concepção ontológica de corpo presente na obra da Clarice Lispector. Com isso nos propomos a aprofundar sobre como o ser humano vive a experiência de *ser corpo*. Para isto, optamos pelo um caminho metodológico de analisar filosoficamente a obra *A Paixão*

Segundo G.H., em que a autora nos apresenta a experiência de *ser* corpo, de modo quase a fazer um percurso de uma ontologia e uma metafísica, que tem por objetivo desvelar o ser, esse desvelamento cai no horizonte, no movimento de transcendência. Por uma questão metodológica, estruturamos este primeiro capítulo em cinco subtítulos. Neles apresentamos um entrelaçamento da reflexão do corpo a partir da exposição do pensamento da obra clariciana. Esses subtítulos possuem e discutem as seguintes questões: 1) a apresentação do romance *A paixão segundo G.H.*, 2) corpo e mundo sensível, 3) corpo e alteridade, 4) corpo e experiência transcendente, 5) corpo e redenção.

No segundo capítulo faremos uma análise de como Clarice Lispector entende *a Transcendência* ou de como este conceito aparece na sua obra de maneira a trazer novos horizontes, pontes de diálogos entre a Literatura e a Filosofia. Dividido em quatro subtítulos: 1) introdução do romance *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*, 2) o ser humano diante do inefável e do indizível, 3) o ser humano diante do mistério, 4) Por uma metafísica do corpo. Neste capítulo apresentamos como a experiência de transcendência acontece dentro da realidade de imanência. Destacamos a importância do corpo como manifestação do visível do ser no mundo, bem como a transcendência proveniente de uma fluência de *alteridade* em direção ao outro. Postulamos a partir da leitura da obra clariciana que o lugar em que a experiência de transcendência acontece é no cotidiano, no ordinário da vida onde um acontecimento toma a pessoa.

Por fim, no terceiro e último capítulo apresentaremos na nossa análise as implicações éticas que o tema da pesquisa aponta a partir de um diálogo do pensamento da Clarice Lispector com o filósofo Emmanuel Levinas. Já que a transcendência abordada no trabalho é inclinada a uma interpretação que parte sempre em direção ao Outro, o Outro se torna transcendência no reconhecimento da relação de *alteridade*, conforme a teoria filosófica de Emmanuel Levinas. Estando segmentado em quatro subtítulos: 1) corpo-ético, 2) corpo -hospitalidade, 3) corpo-metamorfose-, 4) a dor de Lóri, dor do humano. O ponto chave deste terceiro capítulo consistirá em apresentar como há no pensamento da Clarice Lispector um movimento em direção ao outro que gera comprometimento e responsabilidade ética. Podemos conferir isto, seja nestas duas obras que nos debruçamos ao estudo desta pesquisa, seja também no conto nomeado pela escritora como “Mineirinho”. Nele, Clarice Lispector expõe que o desejo por ser o outro consiste em que seja capaz de enxergar no *outro*, um eu. Ou seja, a *alteridade* aqui trata-se de uma inclinação da vontade que se torna ética. “O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o *outro*” (LISPECTOR in MOSER, 2016, p.387).

Portanto, a proposta que percorreremos neste trabalho será de apresentar a possibilidade de transcendência, que tem o *corpo* como a mediação. Essa transcendência que se dá no *aqui* da existência ordinária cotidiana; a mediação pelo corpo nos possibilita a consciência de que somos um *corpo*, como também do reconhecimento de si mesmo pelo *outro*. Podemos, pois, dizer que o ser humano é um *ser para, aberto para o outro*, por isso afirmamos que só há possibilidade de transcendência na relação e em relação com o *outro*. Isto posto, consideramos, pois, que a partir dos apontamentos elencados acima desta pesquisa filosófico-literária que fizemos do pensamento da Clarice Lispector pode aportar e colaborar para trazer novos fundamentos para o estudo da antropologia filosófica, já que a autora se dedica a apresentar nas suas obras algumas noções básicas da sua concepção de ser humano.

A experiencia absoluta não é desvelamento, mas revelação: coincidência do expresso e daquele que exprime, manifestação, por isso mesmo privilegiada de outrem. [...] manifestação de um rosto para além da forma. O rosto é uma presença viva, é expressão [...].

O rosto fala.

(Emmanuel Levinas)

1 A IDEIA DE CORPO PRESENTE NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR

1.1 Apresentação do Romance: A Paixão Segundo G.H.

No presente capítulo apresentamos e sintetizamos uma ideia de corpo presente na obra e na compreensão de Clarice Lispector. Percorreremos um caminho metodológico de analisar filosoficamente a obra *A Paixão Segundo G.H.*, em que a autora nos apresenta a experiência de Ser corpo, de modo quase a fazer um percurso de uma ontologia e uma metafísica, que tem por objetivo desvelar o ser. Em *A Paixão Segundo G.H.* a existência, bem como a subjetividade do ser humano se dá pela percepção de que há um corpo, como também que existe um outro corpo que é o reconhecimento da existência do outro. Assim podemos entender a fala da narradora sobre a empregada Janair, que deixara no quarto que ocupava um desenho seu: “Janair era a primeira pessoa realmente exterior de cujo olhar eu tomava consciência”. (LISPECTOR, 2020a, p. 38.). Ou seja, o conhecimento da realidade parte de um desejo de aproximação com o mundo que se constrói através da experiência sensível.

O romance sobre o qual iremos nos debruçar narra a história de uma mulher de classe burguesa, que vive imersa na banalidade do seu cotidiano vazio e permeado de silêncio. Ela narra a história em primeira pessoa e se identifica como G.H. Demonstra possuir uma personalidade que não consegue ter uma percepção do real, sua vida está em profunda desordem, busca se compreender dentro do mundo; há uma obscuridade do ser que lhe permite uma inacessibilidade de tocar a vida. “A vida se me é”. (LISPECTOR, 2020a, p 181). Esta condição existencial em que G.H. se situa também não lhe possibilita um reconhecimento da existência da sua empregada Janair, seu corpo é invisível para ela. Há corpos invisíveis? Como isso é possível já que estamos postos no mundo sensível? Responderemos isto em nosso percurso de análise filosófica da obra da Clarice Lispector.

Num certo dia – logo após a sua empregada decidir ir embora – G.H toma a decisão de adentrar no quarto que pertenceu à empregada com a resolução de fazer uma faxina, pois julgava estar bastante sujo. No entanto se surpreende com o fato de deparar-se com o quarto

inteiramente limpo. Esperava encontrar escuridões, quase já preparada para ter que abrir janelas e limpar com ar fresco o escuro mofado. O que ele não imaginava era ver um quarto com as coisas em profunda ordem. Ao ir se aproximando e tomando consciência de estar situada dentro do tempo e do espaço em que estava, G.H. inesperadamente encontra-se com um rabisco de carvão de um corpo humano, um corpo totalmente desnudo, enfatiza a narradora: “nos corpos não estavam desenhados o que a nudez revela, a nudez vinha apenas da ausência de tudo o que cobre: eram contornos de nudez vazia”. (LISPECTOR, 2020a, p.37). É, pois, através deste desenho que G.H. reconhece a existência de sua empregada Janair. Logo em seguida, é importante ressaltarmos também neste episódio, após o encontro de G.H. com o desenho, ela irá fazer um esforço para lembrar o rosto e o corpo da sua empregada.

Conseqüentemente, o enredo da história prossegue com o surpreendente encontro de G.H. com uma barata. O quarto vazio e escuro parece que vai sendo descoberto como habitado por uma existência, e isso nos fica confirmado pelo reconhecimento do corpo, seja da barata, seja de um desenho de corpo de homem e de mulher exposto na parede.

O corpo da barata então revela o que tem dentro, explicitando sua materialidade: “Foi então – foi então que lentamente como de uma bisnaga foi saindo lenta a matéria da barata que fora esmagada”. (LISPECTOR, 2020a, p. 60). Desta maneira, há um desejo profundo de G.H. por deparar-se, embora com ainda resistência e repulsa, de reencontrar-se com a sua identidade a partir da alteridade da barata, em que parece se nos apresentar “o núcleo da vida”; lugar onde se toca no sensível de si e do outro. No seguinte trecho é possível conferir tal compreensão: “É que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda”. (LISPECTOR, 2020a, p.56).

O fato é que o lugar, o espaço desconhecido (quarto) para G.H. foi o espaço de seu encontro, mesmo que de modo desamparado, consigo mesma. Ela chega ao ápice da sua existência dentro do tempo e do espaço porque há nela, mesmo com angústia e medo, uma espécie de abertura para o mundo, que consiste na percepção integral do seu ser e do outro; no conhecimento total do real: “O divino para mim é o real”. (LISPECTOR, 2020a, p. 169).

O corpo, de acordo com a compreensão da tradição da antropologia filosófica existencialista, é a manifestação do sujeito enquanto afirmação de seu ser-no-mundo. É por meio dele que a existência humana pode ser em plenitude no aqui e no agora, pois o corpo se afirma dentro de um espaço temporal. Já na compreensão da escritora e romancista Clarice Lispector, se entende que o corpo se torna o lugar no qual o ser humano busca caber no mundo, de modo que não se entende o corpo como um aprisionamento do ser no cosmo. Entretanto, o ser humano transgride a materialidade na busca de conferir sentido à sua existência. Isto é, o

ser humano é apresentado a partir da transcendência que é a busca por entender a realidade em sua totalidade. A inquietude da vida humana, segundo Clarice Lispector em sua obra *A paixão segundo G.H.*, faz-se entre a imanência e a transcendência; sua busca é entender o mundo.

Olhava de relance o rosto fotografado e, por um segundo, naquele rosto inexpressivo o mundo me olhava de volta também inexpressivo. Este – apenas esse – foi o meu maior contato comigo mesma? o maior aprofundamento mudo a que cheguei, minha ligação mais cega e direta com o mundo (LISPECTOR: 2020a, p. 23).

Neste trecho fica palpável a compreensão de que a Clarice entende a materialidade das coisas a partir de uma percepção do corpo, ou seja tudo que está situado no mundo e que possui uma materialidade torna-se um corpo que expressa e comunica algo. É interessante notarmos que a narradora personagem coloca evidente o fato de que o tomar consciência da própria existência se dê no ato de ver o seu corpo numa fotografia, isto é, o maior contato que o ser humano pode ter consigo mesmo dá-se por meio da tomada de consciência de que possui um corpo que se expressa no mundo. Por conseguinte, na obra clariciana, o corpo pode ser entendido como tudo aquilo que possui uma materialidade, possibilitando, criando uma relação interativa do indivíduo com o mundo. Isto significa compreender que na relação com o mundo o ser humano interage e unifica a si mesmo através de todo o cosmo. “O mundo era um lugar. Que me servia para viver”. (LISPECTOR, 2020a, p. 23). É, pois, dentro do mundo, da corporeidade, que, segundo a autora, constrói-se uma identidade, que é um acontecimento visto como um tipo de epifania, em que se desperta o entendimento para ver o mundo, a si mesmo e ao outro. Desta maneira, a abertura do ser humano ao mundo aparece como forma de indagações sobre a vida, ou melhor dizendo, sobre o sentido da vida, bem como sobre a existência de todas as coisas que a possuem.

O ser humano só pode se questionar sobre si mesmo porque possui uma consciência subjetiva que é, assim, acompanhada da consciência de que possui um corpo, que lhe confere capacidade expressiva de sua presença no mundo. Como diz a Clarice no seguinte fragmento: “Quando abro a porta a uma visita inesperada, o que surpreendo no rosto de quem está me vendo à porta é que acabam de surpreender em mim meu suave-pré-clímax.” (LISPECTOR, 2020a p. 25). Por intermédio do corpo é que há uma comunicação com a realidade cosmológica, que faz com que a construção subjetiva dos sujeitos seja e aconteça por meio de uma integração dos indivíduos consigo mesmos, do cosmo e das relações com o outro. É importante ressaltar, que esse outro pode ser compreendido como o outro sujeito que possui um rosto, como também, o outro absoluto, que pode estar dentro do próprio indivíduo ou entendido como a substância

da natureza que sustém toda a cosmologia. Em Clarice Lispector a transcendência inicia-se de dentro, na sua interioridade; é, pois, este movimento de busca interior que a faz transcender para conhecer o desconhecido, o indizível; o Deus como ela mesmo nomeia em sua obra.

Pelo fato de possuir um corpo, ser consciente desta identidade subjetiva que é construída e descoberta no ato de viver e colher a vida, é que podemos nos dar conta da realidade transcendente que nos habita, fazendo-nos ter fome de sentido, pois a transcendência humana pode caracterizar-se pela inquietude de querer dar razões ou, mais que isso, conferir descobertas da própria existência; nossa carne mortal e frágil faz-nos acolher e abraçar o que no outro revela um pouco de nós mesmos. Podemos conferir isto na personagem G. H., a quem parece que a única maneira de se encontrar consigo mesma é através do reconhecimento de um outro, um outro a quem descobre que enxergava como imperceptível. Nesta obra, Clarice Lispector vai mostrando como a vida é um processo de descoberta e que não há um fechamento para o conhecer. Parece-nos que a escritora está querendo nos apontar para uma forma de superar os nossos preconceitos formatados a respeito da vida, dos outros e de nós mesmos como uma novidade sempre aberta a várias possibilidades do conhecimento. Na obra, a narradora personagem nos mostra que o reconhecimento do outro enquanto ser se dá a partir da percepção de um corpo, e este corpo leva-nos a um aprofundamento da relação intersubjetiva que é construída a partir de um rosto. Este rosto aparece no romance como quase esquecido e desprezado pela personagem, que reconhece que há a invisibilidade de corpos que podem não ser reconhecidos. Sobre este corpo ela descreve:

Foi quando inesperadamente consegui rememorar seu rosto, mas é claro, como pudera esquecer? Revi o rosto preto e quieto, revi a pele inteiramente opaca que mais parecia um de seus modos de se calar, as sobrancelhas extremamente bem desenhadas, revi os traços finos e delicados que mal eram divididos no negror apagado da pele. E também a postura: o corpo erecto, delgado, duro, liso, quase sem carne, ausência de seios e de ancas. E sua roupa? Não era de surpreender que eu a tivesse usado como se ela não tivesse presença: sob o pequeno avental, vestia-se sempre de marrom escuro ou de preto, o que a tornava a toda escura e invisível – arrepiei-me ao descobrir que até agora eu não havia percebido que aquela mulher era uma invisível (LISPECTOR, 2020a, p. 39).

O fato de a personagem evidenciar que o corpo da sua empregada era quase sem carne, invisível, pode nos parecer um tipo de denúncia de que há corpos que não enxergamos. Por conseguinte, pode clarificar que há um desejo maior posto pela narradora personagem de, por meio do mundo sensível, se almeja chegar numa outra realidade, para se alcançar o entendimento da totalidade das coisas. Podemos trazer uma aproximação deste pensamento da obra clariciana com a reflexão do filósofo Emmanuel Levinas que reconhece que “o Desejo é

desejo do absolutamente Outro” (LEVINAS, 1988, p. 20). Ou seja, para além do visível – para além de todos os sentidos, a busca que marca a existência –, queremos conhecer a coisa em si. Isso se encontra no desejo, ainda que sem nem mesmo tomar consciência da personagem, pelo que é conduzida para adentrar num mundo que até então lhe era desconhecível. Este mundo – representado pelo quarto da empregada em que ela vê a vida se lhe apresentar uma novidade – a faz despertar para o conhecimento do que significa habitar o próprio corpo, pois a percepção do corpo em si a conduz a encontra-se com a sua própria identidade.

Em um momento inesperado, a personagem narradora depara-se com o corpo de uma barata e neste encontro ela se reconhece e faz descobertas de uma outra vida, ou seja, de que era possível viver uma outra vida que não fosse aquela já vivida antes de adentrar no quarto e deparar-se com a barata. “É que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda” (LISPECTOR, 2020a, p.56).

1.2 Corpo e Mundo Sensível

O corpo está imerso no mundo sensível. Dentro dele somos invadidos pelos sentidos daquilo que perceptivamente adentra a sensibilidade corpórea. Na obra da Clarice Lispector, o mundo exterior, que toca os sentidos e faz sentir de dentro, possui uma característica primordial e relevante, pois diz da materialidade corpórea, mas também aquilo que faz ultrapassar o mundo sensível. O corpo na perspectiva clariciana é um corpo encarnado no mundo, marcado por sua dramaticidade, bem como o lugar onde, por e através do qual se busca a sua autoexpressão, que confere abertura para realidade. “A coisa é tão delicada que eu me espanto de que ela chegue a ser visível. E há coisas ainda tão mais delicadas que estas não são visíveis. Mas todas elas têm uma delicadeza equivalente ao que significa para o nosso corpo ter o rosto” (LISPECTOR, 2020a, p. 154). Muito embora o corpo esteja submerso no mundo sensível da corporeidade material, é através dele que se passam as interlocuções entre a objetividade do mundo e aquilo que lhe ultrapassa, o que podemos chamar de infabilidade. Existem realidades que são visíveis e oculares para nós, como também há aquelas que chegam a nós pelos sentidos do corpo, fazendo-nos ter uma experiência de transcender à realidade objetiva. É por meio desta experiência que o ser humano vive sua abertura ao mundo. Há uma passagem que a narradora personagem elucida isto de maneira eloquente:

Eu me sentia incapaz de ser tão real quanto a realidade que estava me alcançando – estaria eu começando em contorções a ser tão nuamente real quanto o que eu via? No entanto toda essa realidade eu a vivia com um sentimento de irrealidade da realidade. Estaria eu vivendo, não a verdade, mas o mito da verdade? Toda vez em que vivi a

verdade foi através de uma impressão de sonho inelutável: o sonho inelutável é a minha verdade (LISPECTOR, 2020a, p. 98).

A realidade posta por G. H. é a realidade construída não somente pela sua subjetividade, mas aquilo que de fato estava vivendo. Existe uma tensão entre o que vive na sua interioridade e a aquilo que de fato o mundo real se lhe apresenta. É, pois, na vida ordinária do cotidiano que o ser humano assume o protagonismo de conferir sentido à existência em que assumir a sua condição de ser situado de maneira encarnado no mundo supõe uma disposição de abertura para transcendência, que na obra clariciana se constrói e se dá na trivialidade da vida.

1.3 Corpo e Alteridade

O corpo, na concepção da obra clariciana, é entendido não somente como modo de entender o ser humano como ser situado, sujeitado por uma materialidade, mas também é compreendido como lugar onde a manifestação do Outro se revela. Nesta revelação há uma espécie de reciprocidade de conhecimento, ou de autorrevelação, pois estar diante de um Outro é também estar diante de si mesmo, isto é, o Outro aparece como um espelho no qual se vê a ambos. Como por exemplo fica expressado no conto intitulado Amor, que a autora põe o acontecimento com o outro como parte primordial do reconhecimento de si.

Num conto chamado Amor, a autora parece nos apresentar estes elementos postos acima. Neste conto, a personagem Ana possui uma vida de dona de casa, mora num apartamento com o marido e seus dois filhos e está absorvida pela rotina ordinária do seu cotidiano. Certa vez, Ana pega um bonde para ir comprar ovos para preparar um jantar e no seu retorno para casa ela se depara com um homem cego mascando chiclete. Este encontro vai conduzi-la a uma inquietação interior, a uma espécie de angústia sobre o sentido da vida. A personagem, que possui uma vida cotidiana, de modo despercebida passa a ver neste encontro com o homem cego algo que lhe devolve a sua própria humanidade; este encontro parece lhe devolver o centro de si mesma, pois estava vivendo de modo a colocar a sua felicidade à margem. “Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia” (LISPECTOR, 2016, p. 146). O reconhecimento do Outro pela sua corporeidade e pelo seu olhar quebra o ordinário da vida comum de Ana que parecia regulá-la a partir dos afazeres de uma dona de casa que somente cuida do marido e dos filhos, sem perceber que há uma vida para ser vivida, que há um mundo para ser descoberto e experimentado. Nesta perspectiva, nos é apresentado em Clarice um corpo que se manifesta no mundo, bem como se autocomunica a partir do olhar de um Outro, que nos leva a uma experiência de alteridade, em que se vê no Outro um Eu e

esse Outro me no-lo revela. “O cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada” (LISPECTOR, 2016, p. 153). Há, portanto, a partir de um olhar de um Outro, o rompimento de uma funcionalidade com a qual Ana vivia e que a impedia de enxergar a si mesma. Deste modo, podemos compreender que o modo como olhamos os outros nos ajuda a chegar à compreensão da nossa própria existência no mundo:

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremeceu nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, funda, perfumada..., mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo (LISPECTOR, 2016, p. 151).

Essa vida mais fina do mundo é a descoberta de um mundo que só pode ser perceptível pelo Outro e que é mostrado pelo Outro. Através do fenômeno do corpo, do olhar de um rosto, aguça-se em Ana uma vontade de perceber a vida de maneira diferente que até então ela olhava. A perplexidade de Ana diante do cego, faz dela uma mulher que irrompe com a sua cotidianidade vazia, para questionar-se diante da vida, de modo a perceber que nela há cores e belezas, mesmo que o ser humano se depare com o drama e a angústia do vazio da existência. “E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu” (LISPECTOR, 2016, p. 154).

1.4 Corpo e Experiência Transcendente

A sede que habita todo ser o humano é de se alcançar o conhecimento na sua totalidade. O não conhecimento é uma ideia absurda e de grande angústia. Na obra clariciana aparecerá esta tensão: da angústia, inquietude e desejo de querer compreender a totalidade das coisas, o real, a coisa em si como podemos conferir na Paixão Segundo G.H.

O fato de já se perceber possuidor de um corpo que está imerso dentro do real é que conduz o indivíduo a querer compreender. A materialidade, o já possuído e dado não é posto como suficiente e saciável para vida do ser humano; é necessário mais, ele deseja ardentemente ultrapassar as realidades tangíveis para chegar aos grandes questionamentos que orientam e dão sentido à existência.

Às vezes – às vezes nós mesmos manifestamos o inexpressivo – em arte se faz isso, em amor de corpo também – manifestar o inexpressivo é criar. No fundo somos tão, tão felizes! Pois não há uma forma única de entrar em contato com a vida, há inclusive

as formas negativas! Inclusive as dolorosas, inclusive as quase impossíveis – e tudo isso, tudo isso antes de morrer, tudo isso mesmo enquanto estamos acordados! (LISPECTOR, 2020a, p.142).

Em *A paixão segundo G.H.*, Clarice Lispector apresenta uma personagem que se percebe em desordem, mas não no mundo externo: ela se percebe desde dentro como ser habitado por uma desorganização. Essa desorganização fará com que a personagem G. H. indague em qual mundo ela pode caber, já que essa desordem interna a põe numa espécie de questionamento sobre o real. Colocada esta desordem descrita, a personagem buscará contornar o caos estabelecido por essa desorganização, ou seja, irá procurar dar forma e sentido ao que já existe, à própria existência.

Estou procurando, estou procurando. estou tentando entender. tentando dar alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. não confio no que me aconteceu. aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? a isso quereria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. isso prefiro chamar desorganização pois não quero me confirmar no que vivi – na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha, e sei que não tenho capacidade para outro. (LISPECTOR, 2020a, p. 90)

Para que chegue à completude da ordem ela percorrerá um caminho de se perceber como sendo, como possuidora de uma existência que está corporalmente situada no mundo. Posta tal compreensão, o desafio a ser superado pela personagem é o de conferir sentido à existência, mas não só isso, também o de se compreender num mundo que está estabelecido pelo caos da desordem de sua interioridade. Na passagem, a narradora põe na boca da personagem as seguintes indagações:

Mas é que também não sei que forma dar ao que me aconteceu. E sem dar uma forma, nada me existe. E – se a realidade é mesmo que nada existiu?! quem sabe nada me aconteceu? Só posso compreender o que me acontece, mas só acontece o que eu compreendo – que sei de resto? O resto não existiu. Quem sabe nada existiu! Quem sabe me aconteceu apenas uma lenta e grande dissolução? E que minha luta contra essa desintegração está sendo esta: a de tentar agora dar-lhe uma forma? Uma forma contorna o caos, uma forma dá construção à substância amorfa – a visão de uma carne infinita é a visão dos loucos, mas se eu cortar a carne em pedaços e distribuí-los pelos dias e pelas fomes – então ela não será mais a perdição e a loucura: será de novo a vida humanizada (LISPECTOR, 2020a, p. 12).

A transcendência é posta aqui como a percepção do próprio corpo, lugar fenomenológico de acontecimentos que marcam a existência do ser-no-mundo, mesmo que este

corpo lhe esteja sujeitado pela dor ou angústia do que signifique estar corporalmente presente na existência.

Nesta obra, a escritora fala de um corpo espiritualoso (LISPECTOR, 2020a, p.30). Compreende-se por corpo espiritualoso, o lugar do acontecimento dos fenômenos sensíveis e no qual se dá a abertura para o mundo. Muito embora a nossa presença corpórea no mundo seja marcada e submetida pelas leis da natureza – pois o corpo está sujeito à sua realidade finita, ou seja, à sua limitação –, através dela e por ela o ser humano exprime a sua identidade numa abertura, pois também possui uma interioridade intencional, que possibilita que viva de maneira a sentir sua presença no mundo, bem como expresse essa presença (VAZ, 2014, p. 184).

1.5 O Corpo e Redenção

O corpo constitui a identidade do ser-presença-no-mundo. A desordem descrita pela personagem G. H. é a desordem de uma interioridade que não cabe dentro do próprio corpo, por isso vive um conflito por buscar encontrar a verdade sobre si mesma: “eu era a imagem do que eu não era, e essa imagem do não-ser me cumulava toda: um dos modos mais fortes é ser negativamente. Como eu não sabia o que era, então “não ser” era a minha maior aproximação da verdade” (LISPECTOR, 2020^a, p. 29).

Existe, pois, um momento descrito pela escritora no qual a personagem G. H. adentra no quarto da sua empregada e se depara com um espaço mítico e misterioso em que parece que o mundo desconhecido vai se revelar para ela dentro de um espaço e de um tempo, e a sua maior descoberta será: conhecer a si mesma, encontrar-se com a sua mais profunda verdade de si mesma. O corpo que entra no quarto descobre a si mesmo como ser existente no tempo, ou seja, a própria existência só é percebida pela consciência de que possui um corpo. E isso só se torna para G.H uma percepção da consciência de seu corpo quando ela se depara com um outro corpo que se encontra desenhado na parede. Este desenho enigmático não se manifesta só como um mistério diante de G.H, mas também como um despertar para o entendimento subjetivo que ela possui de si mesma à medida que se depara com o mundo exterior: “no entanto, curiosamente, a figura na parede lembrava-me alguém, que era eu mesma” (LISPECTOR, 2020a, p.39). Vejamos o trecho em que a narradora personagem descreve o encontro:

Na parede caiada, contígua à porta – e por isso eu ainda não o tinha visto – estava quase em tamanho natural o contorno a carvão de um homem nu, de uma mulher nua, e de um cão que era mais nu do que um cão. Nos corpos não estavam desenhados o que a nudez revela, a nudez vinha apenas da ausência de tudo o que cobre: eram os contornos de uma nudez vazia (LISPECTOR, 2020a, p. 37).

É importante ressaltar que logo após a experiência deste episódio do desenho na parede, G. H. diz que cada figura que se achava ali na parede era exatamente como ela mesma, “rígida de pé à porta do quarto” (LISPECTOR, 2020a, p. 37-38). Entretanto há um conflito no seu entendimento: ela quer descobrir se a empregada estava tentando deixar para ela algum tipo de mensagem.

Este mistério enigmático parece tratar do reconhecimento de si, mas só pode ser descoberto quando o corpo manifesta algum tipo de abertura para o mundo. Logo após este acontecimento que lhe rompe o ordinário cotidiano, G.H. vai tentar recuperar e relembrar o rosto da empregada, pois este lhe foge à consciência. Não será o não reconhecimento do outro o seu próprio não reconhecimento? Mais à frente, G. H. vai se encontrar com uma barata que a põe numa espécie de inquietação existencial, pois se estabelece entre ela e a barata uma relação de repulsa e aproximação, já que algo novo se lhe mostra de maneira desnuda diante de si.

A personagem introduz seu modo de repensar, de recuperar a sua consciência através do seu corpo, no seu movimentar-se, no seu mergulho no quarto da empregada, no “quarto desconhecido”, que pode nos levar a refletir como um plano de realidade que não condiz com a nossa, já que o ambiente de vivência do cotidiano é outro. Desta maneira, o contato com outro corpo, o da barata, vai requerer de G. H. uma atitude nova, ou seja, terá que repensar a sua condição no mundo e como vê a si mesma (LEAL, 2018, p. 3321).

Com o encontro de G. H. com a barata inicia-se uma espécie de confronto entre ela e o inseto. Este, como já foi dito, simboliza o repulsivo, o novo, o desconhecido, o que está oculto, aquilo que a personagem desconhece e nem buscou conhecer e por isso sente abominação. Faz-se, portanto, necessária uma reconciliação para que se possa chegar a um outro modo de reconhecer a si: é preciso não somente contemplar e permanecer diante do inseto, mas enfrentar aquilo que ele lhe passa de repugnante, ou seja, assimilar de tal maneira a barata que ela seja uma só com a personagem: “é que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda” (LISPECTOR, 2020a, p.56).

Neste contexto, a barata representa os sentimentos mais perturbadores e inquietantes de G. H. Se não ultrapassar essas suas repulsas, ela não poderá jamais saber quem é, como também não chegará a iniciar um processo de conhecimento de si. Sem a barata, sem esta “união”, podemos dizer, entre G. H. e a barata, lhe restará a banalidade de uma existência solitária, vazia de sentido (LEAL, 2018, p. 3323).

É interessante, pois, observa-se que há uma harmonia no cotidiano descrita pela autora quando descreve uma vida que é feita sem nenhuma percepção, mas na qual por um momento,

por um instante o ser humano adentra e se abre a uma descoberta de si, que acontece neste próprio ordinário da vida, provavelmente como o lugar ideal da manifestação do humano no mundo, em que ele descobre a sua identidade existencial:

(...) nada me fazia supor ao que ia. Mas é que nunca fui capaz de perceber as coisas se encaminhando; todas as vezes que elas chegavam a um ápice, me parecia com surpresa um rompimento, explosão dos instantes, com data, e não a continuação de uma ininterrupção. Naquela manhã, antes de entrar no quarto, o que era eu? Era o que os outros sempre me haviam visto ser, e assim eu me conhecia. (LISPECTOR, 2020a, p. 22).

Nesta descoberta o ser humano é alcançado pela sua redenção: ele pode ser a sua própria redenção, de modo que a sua existência pode se encontrar com a revelação mais íntima de si mesmo, que se desvela no encontro com o Outro. Para isso, portanto, urge que estejamos desnudos, livres de ideologias precipitadas e inequívocas que nos impedem de uma real aproximação daquilo que não conhecemos, mas que já possuímos por estarmos situados na existência.

*O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
(João Guimarães Rosa)*

2 A NOÇÃO DE TRANSCENDÊNCIA SURGIDA NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR: NOVOS HORIZONTES, PONTES DE DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A FILOSOFIA

Neste capítulo, iremos apresentar o conceito de transcendência dentro da perspectiva clariciana. O corpo é também o lugar onde acontece a experiência de transcendência do ser humano. Em Clarice Lispector não entendemos a transcendência como algo fora da imanência, como uma transcendência do espírito, mas ela se encontra dentro de uma realidade, que acontece, por sua vez, na experiência sensível. Desta maneira, pode-se afirmar que a vida cotidiana nas obras de Clarice é o espaço privilegiado no qual acontece e se dá a transcendência, onde o ser humano se abre ao mundo e ao outro. A transcendência não é o irreal, o quase inatingível, mas sim o real por excelência que toca ou que possui a sensibilidade.

De acordo com a tradição filosófica, transcendência pode ser compreendida como ato de “de ir de um lugar a outro, atravessando ou ultrapassando certo limite”. A realidade que ultrapassa o limite é chamada “transcendente” e a ação e efeito de ultrapassar, ou simplesmente de estar mais além de um limite dado, isso é, pois, a transcendência. (FERRATER, 2004, p.2911). Não pretendemos percorrer um itinerário de conceitualizações, mas consideramos importante situar tais conceitos dentro de uma aproximação da tradição filosófica juntamente com a literatura, de maneira especial aqui com a obra de Clarice Lispector. A ideia de transcendência dentro da obra de Clarice Lispector vive nesta tensão entre o limite de estar situada dentro de uma realidade (espaço-temporal) e de aspirar a compreensão da totalidade do ser. Deste modo, a transcendência em Lispector aponta para a possibilidade de que o ser humano alcance sua realização humana, condição plena de sua liberdade, ou seja, perceber-se dentro de um mistério, mas também chegar ao núcleo da vida. Como ela mesma diz através da personagem Lóri, em sua obra *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*: “E o que o ser humano mais aspira é tornar-se um ser humano” (LISPECTOR, 2020a, p.70). A obra Clariciana é toda permeada por mostrar como o ser humano pode transcender o limite desta condição humana de viver num mundo encarnado, situado no tempo e no espaço e, do mesmo modo

querer entrar em contato com aquilo que está para além do tocável, do mistério de si mesmo. “Transcender é uma transgressão. Mas ficar dentro do que é, isso exige que não tenha medo!” (LISPECTOR, 2020a, p.81). Em Clarice, a existência esbarra no mistério o tempo todo e somente através de uma vida vivida em profundidade, pode ser possível realizar-se como ser humano.

A condição pela qual o ser humano se realiza enquanto humano é o defrontar-se com esta sua realidade de viver situado no tempo e, apesar disso, alcançar o sublime. No entanto, o caminho escolhido por Clarice para mostrar a condição humana na sua plena capacidade de transcendência consiste no elo em que o ser humano vive entre a sua própria condição de existir e a sua relação com o Absoluto. O que se entende aqui, não é o fato de que a experiência de transcendência se dê a partir de um ato espiritualoso, como se o corpo fosse conduzido a um outro espaço fora do mundo encarnado que temos. Pelo contrário, a transcendência ocorre no tempo em que se está imerso, isso se dá por meio daquilo que nos é dado no tempo. Desta maneira, compreende-se do seguinte modo: como se imanência e transcendência estivessem interligadas uma à outra, ou seja, não há que se pensar que a imanência anule a transcendência ou vice-versa. Transcendência no pensamento da obra Clariciana acontece no aqui e no agora, como está relatado na obra *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, quando Lóri se depara com seu corpo situado no espaço, mas que ao mesmo tempo vê-se implicada num universo que é totalmente outro, que é totalmente seu. No entanto, embora se sinta identificada com a vida que constitui sendo sua, se abre a um movimento do fenômeno transcendental manifestada em sua corporeidade, que se abre ao mistério do existir, se abre ao cosmo e ao outro. Este fenômeno, por sua vez, acontece quando há no ser humano o desejo inquieto por viver numa comunhão:

Ter um corpo único circundado pelo isolamento, tornava tão delimitado esse corpo, sentiu ela, que então se amedrontava de ser uma só, olhou-se avidamente de perto no espelho e se disse deslumbrada: como sou misteriosa, sou tão delicada e forte, e a curva dos lábios manteve a inocência.

Pareceu-lhe então, meditativa, que não havia homem ou mulher que por acaso não se tivesse olhado ao espelho e não se surpreendesse consigo próprio. Por uma fração de segundo a pessoa via como um objeto a ser olhado, que poderia chamar de narcisismo, mas, já influenciada por Ulisses, ela chamaria de: gosto de ser. Encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não imaginei: eu existo. E pelo mesmo fato de se haver visto no espelho, sentiu como sua condição era pequena porque um corpo é menor que o pensamento – a ponto de que seria inútil ter mais liberdade: sua condição pequena não deixaria fazer uso da liberdade. Enquanto a condição do universo era tão grande que não se chamava condição (LISPECTOR, 2020b, p.17).

Aqui podemos perceber que Clarice aborda a profundidade do mistério que há no humano a partir do próprio humano. Ou seja, alcançar o ápice do sublime, do absoluto deve

partir da própria condição da realidade humana em que vivemos situados. Por isso, a obra clariciana escolhe um caminho para falar daquilo que toca na carne e que o corpo e toda interioridade sente a partir da experiência de imersão no mundo sensível. Isto posto, partimos da compreensão do humano em Clarice dentro de suas próprias perspectivas e indagações: o que é o ser humano? Qual o seu fim último? As respostas para tais grandes perguntas o ser humano só tem vivendo, vivendo com abertura para o transcendente, para o desconhecido e para o mistério.

2.1 Apresentação do Romance *Uma Aprendizagem Ou O Livro Dos Prazeres*

O romance sobre o qual iremos nos debruçar neste capítulo apresenta o ser humano diante da sua condição existencial, bem como diante do mistério que permeia a vida. A obra *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* trata da aventura humana e existencial que vive a personagem Lóri. Lóri é uma mulher pertencente à burguesia de sua época, sua vida está emaranhada por tantas angústias e inquietudes de inconformidade consigo mesma, que ela precisará aprender como viver. A escolha, o itinerário que ela abraça será de uma profunda viagem ou mergulho no mais profundo de si mesma para se chegar a uma plena consciência do seu ser. Porém, Lóri não percorrerá este percurso sozinha: precisará contar com a presença de alguém que lhe ensine, ou que lhe apresente as grandes indagações que a ajudem a penetrar no seu mundo interior e faça as profundas descobertas de si mesma e do mundo; este personagem chama-se Ulisses, um professor de filosofia, que possui alguns modos para explicar o mundo. Numa condição de ser e estar desamparada, Lóri necessitará de que alguém lhe dê as mãos para que a sua solidão e as suas angústias não a deixem sucumbir num abismo escuro e solitário. Sua maior entrega será a de si mesma para um mundo que até então lhe era desconhecido e, para isso, ela precisa entrar em contato consigo mesma. Lóri vive num mundo muito abstrato, distante de si, e se desconhece completamente como se vivesse, mas sem saber por que se vive. Deste modo, seu maior desafio consistirá em estar pronta para si mesma, estar pronta para abrir-se ao outro que se apresenta como uma relação de transcendência, já que o rosto do outro (Ulisses) revela absolutamente o eu, ou seja, Lóri se sente identificada com o corpo de Ulisses e, por isso deseja unir-se a ele para assim experimentar a plena vida que não depende só do outro, mas que sem o outro também não se chega à plenificação do ser – alteridade e diferença. Professor de filosofia, Ulisses será importante na construção ou na reelaboração que Lóri terá que fazer de si mesma e do mundo, ou seja, sem relação não há possibilidade do reconhecimento da própria humanidade. A relação de Ulisses com Lóri desembocará numa integração corpórea

que permite a eles sentir um ao outro por meio da sensibilidade da carne, do rosto, do erótico, da solidão e de Deus. É, portanto, no corpo que ambos vivem e chegam à experiência de transcendência, chegam ao mistério que se desnuda no toque da sua própria humanidade sentida e experimentada no corpo. “Eles se haviam possuído além do que parecia ser possível e permitido, e, no entanto, ele e ela estavam inteiros” (LISPECTOR, 2020b, p.145). Ele a conduzirá de maneira pedagógica para que Lóri se atente, descubra vida plena por meio da sacralidade de seu corpo. Lóri vai se criar a partir do seu processo de metamorfose corpóreo-espiritual que só é vivida na perspectiva do cotidiano (BINGMER, Maria, Clara, 2018, p. 110). Não se toca, não reconhece a própria humanidade quem não tocou na humanidade do outro. Isto é considerado parte intrínseca na obra de Clarice Lispector, onde por meio do outro se chega a si mesmo, chegar-se ao absoluto, ou até mesmo aquilo que para si é desconhecido, ou seja, tocar a carne e sentir o humano mais humano que em nós vai se formando, é tocar no mistério.

2.2 O Ser Humano Diante do Inefável e do Indizível

É possível perceber que a escrita de Clarice Lispector se constitui por uma expressividade que possui uma organização sistemática em que se utiliza a linguagem como via máxima de sua expressão no mundo. No entanto, podemos também notar como que seu modo de escrever transcende as explicações puramente lógicas e racionais; há uma liberdade no ato de escrever que, mesmo utilizando a linguagem para dizer algo, essa mesma linguagem se apresenta como limitada, pois Clarice nos põe diante daquilo que é indizível, o mistério lhe ronda o tempo inteiro. A sua escrita literária beira a mística, a elevação do ser a um ser ininteligível pelo qual nada pode se dizer ou entender. “compreender era sempre um erro – preferia a largueza tão ampla e livre e sem erros que era não entender” (LISPECTOR, 2020b, p.41).

Há no romance *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, uma narrativa lúdica vivida por Lóri, que explora bastante a dimensão da experiência da inefabilidade. A narrativa utiliza-se de uma descrição poética para falar da madrugada, do luar e do silêncio como se a sua experiência de imersão corporal dentro do real, do mundo sensível não conseguisse nomear ou até mesmo dizer os sentimentos que neles se sentem. Existe, pois, uma experiência de epifania que passa pela sensibilidade corporal e pelos afetos e que conduz o ser humano à transcendência que supera o conhecimento racional e que lhe deixa embebido da sublimidade: “o que se passara no pensamento de Lóri naquela madrugada era tão indizível e intransmissível como a voz de

um ser humano calado” (LISPECTOR, 2020b, p. 32). É como se o ato de viver guiasse para se alcançar o ápice daquilo que pode ser conhecível, do entendimento do mundo e de si mesmo que, todavia, não se esgota e não exprime de modo racional. Vejamos o exemplo na própria narração ao descrever a experiência de transcendência dentro do ínfimo da sua realidade sensível:

Esperou sem pressa pela madrugada. A melhor luz de se viver era na madrugada, leve tão leve promessa de manhãzinha. Ela sabia disso, já passara inúmeras vezes por isso. Como para um pintor que escolhe a luz que lhe convém, Lóri preferia para a descoberta do que se chama viver essas horas tímidas do vago começo dia. De madrugada ia ao pequeno terraço e quando tinha sorte era madrugada de lua cheia. Tudo isso ela já aprendera através de Ulisses. Antes ela evitara sentir. Agora ainda tinha, porém já com leves incursões pela vida.

Mas da lua ela não tinha receio porque era mais lunar que solar e via de olhos bem abertos nas madrugadas tão escuras a lua sinistra no céu. Então ela se banhava toda nos raios lunares, assim como havia os que tomavam banhos de sol. E ficava profundamente límpida.

Nesta madrugada fresca foi ao terraço e refletindo um pouco chegou à assustadora certeza de que seus pensamentos eram tão sobrenaturais como uma história passada depois da morte. Ela simplesmente sentira, de súbito, que pensar não lhe era natural. Depois chagara a conclusão de que ela não tinha um dia a dia mais sim uma vida a vida. E aquela vida que sua nas madrugadas era sobrenatural com suas inúmeras luas banhando-a de um prateado líquido tão terrível. (LISPECTOR, 2020b, p. 31-32).

O ser humano aspira o sublime, o maravilhamento diante do belo. A inclinação de seu desejo orienta-se ao conhecimento total de si mesmo, pois somos um mistério inalcançável, intocável. Nisto, consistia a busca de Lóri: tocar a vida, mas tocar em seu núcleo para se chegar ao conhecimento do verdadeiro e real de dentro de si e do mundo a qual pertencia.

Como será retratado no romance num momento em que a mente de Lóri adota uma representação de um mundo crepuscular de modo que parecia “ver a super-realidade do que é verdadeiramente real. Mais real – disse-lhe Ulisses quando ela a seu jeito contou-lhe o quase não acontecimento – mais real que a realidade” (LISPECTOR, 2020b, p.27). O real para Clarice Lispector é o existir. Neste sentido só sabemos que tem o real porque se tem a vida, porque se vive numa abertura ou desvelamento do ser que se manifesta no sensível, como também naquilo que em nós é também inapreensível.

É que tudo o que existia, existia com uma precisão absoluta e no fundo o que ela terminasse por fazer ou não fazer não escaparia dessa precisão; aquilo que fosse do tamanho da cabeça de um alfinete, não transbordava nenhuma fração de milímetro além do tamanho de uma cabeça de alfinete: tudo o que existia era de uma grande perfeição. Só que a maioria do que existia com tal perfeição era, tecnicamente, invisível: a verdade, clara e exata em si própria, já vinha vaga e quase insensível à mulher (LISPECTOR, 2020b, p.16).

É possível contemplar no trecho acima que Clarice Lispector vai um pouco mais além, o real consiste no fato de tomar consciência do próprio ato de existir, ou seja, o real encontra-se no mundo dos acontecimentos fenomenológicos, lugar onde acontece a pulsação da vida. O mais real que se deseja possui uma grandiosidade que toca a sua humanidade que é sentida pelo corpo. A vida inteira tomara cuidado em não ser grande dentro de si para não ter dor.

Pedir? Como é que se pede? E o que se pede?
 Pede-se vida?
 Pede-se vida.
 Mas já não se está tendo vida?
 Existe uma mais real.
 O que é real?
 (LISPECTOR, 2020b, p.51).

A concepção antropológica que Clarice Lispector descreve através da personagem Lóri nos ajuda a pensar que a condição existencial pela qual se situa o ser humano é contingencialmente limitada pelo seu corpo, no entanto, ela propõe o novo modo de olhar para corpo, rompendo com a ideia de cisão mente-corpo que predomina a concepção na cultura ocidental. Esta por sua vez, não delimita, nem determina as fronteiras de horizonte ao infinito da condição humana inclinando-o para profunda descoberta de sua identidade como também introduz o imanente e o sensível para o mistério inatingível que em nós muitas vezes não acessamos.

No entanto, o ser humano constitui-se como um ser inacabado, ou seja, é um ser que anseia tornar-se si mesmo, tornar-se plenamente um ser humano: “e o que o ser humano mais aspira é tornar-se um ser humano” (LISPECTOR, 2020b, p.70). Esta sua aspiração rompe com a delimitação corpórea que a realidade contingente lhe impõe ou a sujeita, pois mesmo que se experimente tudo que é próprio da sua condição humana, isso não se torna suficiente. O ser humano é um ser voltado, inclinado para um horizonte que ultrapassa a realidade delimitada, quando ele se abre ao absoluto mistério do ilimitado (ALMEIDA, 2011, p.87). Há em toda pessoa humana a sede, a fome de horizonte infinito e de desconhecido.

Desta maneira, compreendemos que a vida se constrói em torno do espanto, uma espécie de iluminação que o ser humano no seu exercício de suas urgências de viver descobre a si mesmo e constrói a sua subjetividade. Este espanto conduz o ser humano a vivenciar um instante de plenitude, de transcendência, bem como, a tocar ou a viver a experiência da inefabilidade.

Não pensemos a partir de nossa rapidez em emitir conceitos ou até mesmo preconceitos de que inefabilidade e transcendência na obra clariciana implicam viver uma total abstração

como se negasse o real. Antes de tudo, a experiência do inefável em Clarice Lispector é tangível e se dá na realidade sensível, toca o corpo, o sublime se revela e se mostra no trivial. Notemos esta experiência no episódio em que Lóri vive uma espécie de iluminação profunda sobre o ser, sobre tudo o que é, aquilo que seus olhos lhe possibilitam contemplar, sua visão torna-se seu guia:

Lóri descobriu o que estava acontecendo com enorme delicadeza: aquilo que julgara ser apenas seu olhar direto para Ulisses e para a realidade dele fora o primeiro passo assustador para alguma coisa. Ou ele percebera? Percebera, sentiu ela, mas sem saber do que se tratava, sentira que ela avançara e então quisera assegurá-la com a segurança de retomar o silêncio.

Pois ela estava como na sua primeira infância e sem medo de que a angústia sobreviesse: estava em encantamento pelas cores orientais do Sol que desenhava figuras góticas nas sombras. Pois que o Deus foi nascido da Natureza e por sua vez ele interferiu nela. As últimas claridades ondulavam as águas paradas e verdes da piscina. Descobrimo o sublime no trivial, o invisível sob o tangível – ela própria toda desarmada como se tivesse naquele momento sabido que sua capacidade de descobrir os segredos da vida natural ainda estivesse intacta. E desarmada também pela leve angústia que lhe veio ao sentir que podia descobrir outros segredos, talvez um mortal. Mas sabia que era ambiciosa: desprezaria o sucesso fácil e queria, mesmo com medo, subir cada vez mais alto ou descer cada vez mais baixo.

Ulisses falou:

- Bem tranquila, Lóri, vá bem tranquila. Mas cuidado. É melhor não falar, não me dizer. Há um grande silêncio dentro de mim. Esse grande silêncio tem sido a fonte de minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio.

- Por que é que você olha tão demoradamente cada pessoa?

Ela corou:

- Não sabia que você estava me observando. Não é por nada que olho: é que eu gosto de ver as pessoas sendo.

Então estranhou-se a si própria e isso parecia levá-la a uma vertigem. É que ela própria, por estranhar-se, estava sendo. Mesmo arriscando que Ulisses não percebesse, disse-lhe baixo:

- Estou sendo... (LISPECTOR, 2020b, p. 67).

Neste trecho podemos contemplar Lóri numa espécie de assaltamento e alteração de seu espírito da vida cotidiana para uma experiência, que a conduz a enxergar para além daquilo que aparentemente está dado pelo ordinário. No mergulho da sua interioridade, do seu silêncio e em seu ato de contemplar os outros e a si mesma, ela percebe que há uma ordem cósmica, esta por sua vez, possibilita Lóri a um processo de abertura ao mundo que faz com que ela perceba a vida se dando, sendo como ela mesma notara: fascinada pelo encontro de si mesma (LISPECTOR, 2020b, p.68).

Importante notarmos que há uma experiência indizível que somente o silêncio é capaz de exprimir. “Há um grande silêncio dentro de mim. E esse silêncio tem sido a fonte de minhas palavras”. O espanto de Lóri consiste na perplexidade de perceber a grandeza do mistério que é ser, ela descobre esta grande novidade no silêncio contemplativo dos outros, descobre-se

possuidora de uma existência que só pode ser possível notar-se na contemplação cósmica e na materialidade do corpo. “Por que é que você olha tão demoradamente cada pessoa? Não é por nada que olho: é que gosto de ver as pessoas sendo”.

A realização plena do ser humano na perspectiva clariciana depende desta abertura de si para os outros, para o mundo. Por isso a experiência de transcendência compreende-se pela capacidade de um maior conhecimento de si mesmo e de uma consciência ampliada das possibilidades de existir, isto é, pela elevação da plenitude da alma ao que é mais humano em nós (SÁ, 2004, p.283).

2.3 O Ser Humano Diante do Mistério

De acordo com a tradição Metafísica, há no ser humano uma espécie de excesso ontológico que marca a condição existencial do sujeito como um dinamismo ilimitado, o que em outras palavras significa dizer que somos orientados para nos colocarmos no mundo de maneira aberta no desejo de busca de transcendência para ir além. Este ir além simboliza na obra clariciana ir ao núcleo da existência, para isto supõe perguntar-se de maneira profunda sobre si mesmo: “sua dificuldade era ser o que ela era, o que de repente se transformava numa dificuldade intransponível” (LISPECTOR, 2020b, p.121).

Nossa condição humana consiste em ser iminente, inalcançável e intransponível como se não coubéssemos dentro de um mistério, como dirá Clarice narrando a experiência de Lóri. No entanto, embora o ser humano viva nesta sua condição contingencial de ser angustiado pela pergunta que faz sobre si mesmo, na obra *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* Clarice Lispector nos oferece a possibilidade de pensar o sujeito através de sua condição antropológica em que o ser humano é também um ser de abertura ao transcendente. Este dinamismo de abertura ao mundo lhe possibilita buscar novas formas de se auto exprimir na sua interioridade e exterioridade corporal almejando sua autocompreensão na saída de si mesmo, na migração que o conduz para além da sua finitude e do seu ser situado, de modo que pela experiência de transcendência o ser humano possa conhecer e afirmar seu ser como ser-no-mundo e ser-com-o-outro (VAZ, 1992, p.96). Deste modo, o estar situado no limite corporal não constitui de modo algum um limitador da experiência existencial de transcendência; pois o limite humano é ultrapassado numa experiência que se dá no corpo, para assim, criar novas formas da sua presença no mundo. Ou seja, o ser humano é capaz de reelaborar, de se abrir ao Ser, de modo a lhe atribuir significado, pois não quer se perder de si.

É, portanto, esta busca que a personagem Lóri deseja: ser ela mesma, mas para isso faz-se necessário que haja uma descoberta, uma aprendizagem ou uma construção de si, da sua própria subjetividade. Vejamos como isto aparece no seguinte trecho:

E quando notou que aceitava em pleno amor, sua alegria foi tão grande que o coração lhe batia por todo o corpo, parecia-lhe que mil corações batiam-lhe nas profundezas de sua pessoa. Um direito-de-ser tomou-a, como se ela tivesse acabado de chorar ao nascer. Como? Como prolongar o nascimento pela vida inteira? Foi depressa ao espelho para quem era Loreley e para saber se podia ser amada. Mas assustou-se ao se ver.

Eu existo, estou vendo, mas quem sou eu? E ela teve medo (LISPECTOR, 2020b, p.124).

No trecho acima vimos que Lóri experimenta uma admiração e felicidade que se manifesta no corpo ao deparar-se de maneira concreta com o mistério da sua existência. Podemos pensar que Clarice Lispector oferece nesta obra um modo de pensar estruturalmente o ser humano a partir de uma ontologia do sensível que perpassa pelo corpóreo. O espanto e assombramento ao colocar-se diante do espelho e se ver consiste na autopercepção de ser, de possuir existência. O encantamento é com o corpo, lugar privilegiado da sua afirmação ou da concretude do ser. Desta maneira, a beleza da existência corresponde ao ato de querer se ver, de perceber que há um corpo que se move e se expressa no mundo.

No entanto, perceber-se corporalmente encarnado na realidade não confere ao ser humano elementos suficientes da totalidade sobre aquilo que ele é, pois, a pessoa é sempre uma pergunta aberta que transcende: “aprendi a viver o que não se entende” (LISPECTOR, 2020b, p.105).

Assim, a vida humana se faz dentro daquilo que não conhecemos na sua totalidade, pois nos deparamos o tempo inteiro com mistério que somos nós. Apesar disso, o ser humano aspira, vive na busca de saciar a sua fome sentido, de significado, de entendimento e premência por querer viver. É, portanto, interessante notarmos que o fato de haver um mistério, o desconhecido, o mistério que está diante de nós, mas que não compreendemos de maneira englobante, faz do ser humano um buscador, aquele que se arrisca na sua aventura de encontrar-se com a sua verdade desnuda, aquele que também que sonha e possui uma abertura ao horizonte do infinito, mesmo que a sua realidade esteja situada na contingência.

Neste sentido, Clarice Lispector compreende o humano numa perspectiva de caráter antropológico em que seu ser se expressa e possui uma dinamicidade na própria existência. O existir, o viver pode-se conceber na obra clariciana como algo perigoso, contudo, somente nós possuímos os olhos pelos quais contemplamos a beleza que nela contém. Estamos sendo

conduzidos, guiados pelo mistério que nos habita. O silêncio diante de tal mistério nos põe ante o desconhecido, o que na verdade nós já possuímos, pois reside em nós: “há um momento em que o corpo descansado se ergue o espírito atento, e da Terra e da Lua. Então ele, o silêncio, aparece. E o coração bate ao reconhecê-lo: pois ele é o de dentro da gente” (LISPECTOR, 2020b, p. 34).

A aprendizagem pela qual Lóri está se dispondo a passar se constrói na relação, na familiaridade com o mistério, que ela vai chamar de o Deus. Ela deseja caminhar de mãos dadas ao mistério já que ela mesma é posta na existência e o existir torna-se incompreensível, pois o humano não consegue compreender nem a realidade nem a si mesmo em sua totalidade.

Desta maneira, o caminho consiste em prescrutar o mistério dentro da própria interioridade que nos habita, ou seja, somos inclinados para o horizonte que põe em nós fome de sentido, desse modo podemos também afirmar que a transcendência, a própria realidade de mistério que nos toca a todos nós, nos coloca numa atitude de abertura para o mundo, “Por quer ser era infinito, de um infinito de ondas do mar” (LISPECTOR, 2020b, p.67). Vejamos no seguinte trecho como Lóri se coloca diante do mistério de si mesmo, da sua própria existência e como sua abertura ao mundo vai se passando pela sensibilidade do seu corpo, lugar privilegiado para a experiência transcendente:

Nessa mesma noite Lóri gaguejara uma prece para o Deus e para si mesma: alivia minha alma, faze com que eu sinta que a Tua mão está dada à minha, faze com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos na, eternidade, faze com que eu sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte e sim a vida, faze com que eu sinta uma alegria modesta e diária, faze com que eu não Te indague demais, porque a resposta seria tão misteriosa quanto a pergunta, faze com que eu receba o mundo sem medo, pois para esse mundo incompreensível nós fomos criados e nós mesmos também incompreensíveis, então é que há uma conexão entre esse mistério do mundo e o nosso, mas essa conexão não é clara para nós enquanto quisermos entende-la, abençoa-me para que eu viva com alegria o pão que como, o sono que durmo, faze com que eu tenha caridade e paciência comigo mesma. Amém. (LISPECTOR, 2020b, p.108-109).

Podemos, pois, perceber que Clarice Lispector introduz de maneira modesta e discreta a síntese de todo seu pensamento na passagem que vimos acima: somos uma pergunta misteriosa e a nossa pergunta sobre nós mesmos não cabe em nenhuma certeza, pois somos uma conexão integradora entre o mistério do mundo e o nosso. “Faze com que eu não Te indague demais, porque a resposta seria tão misteriosa quanto a pergunta [...] Pois para este mundo incompreensível nós fomos criados e nós mesmos incompreensíveis”.

Muito embora o não entender seja para Clarice quase como uma virtude, ela sabe e é consciente que habita em todo ser humano um excesso ontológico, de maneira que haja um

dinamismo na própria condição contingencial da existência que procura superar, ir além da angústia de sua realidade finita do mistério, para se chegar à estrutura fundamental de desvelamento do ser da pessoa em que ela se afirma como ser-no-mundo. Por conseguinte, podemos notar que a vida é sentida por Lóri na pulsação do seu corpo, pois através dele sente que está viva. É-nos interessante notar isso porque pode nos lançar à compreensão de que a vida pulsa no corpo, na materialidade e este fato situa a consciência de ser-no-mundo e estar nele.

De repente Lóri não suportou mais e telefonou para Ulisses:

- Que faço, é de noite e eu estou viva. Estar viva está me matando aos poucos, e eu estou toda alerta no escuro. Houve uma pausa, ela chegou a pensar que Ulisses não ouvira. Então ele disse com voz calma e apaziguante:

- Agente.

Quando desligou o telefone, a noite estava úmida e a escuridão suave, e viver era ter um véu cobrindo os cabelos.

Então com ternura aceitou estar no mistério de ser viva.

Antes de se deitar foi ao terraço: uma lua cheia estava sinistra no céu. Então ela se banhava toda nos raios lunares e se sentiu profundamente límpida e tranquila.

Pouco a pouco foi adormecendo de doçura, e a noite era bem dentro. (LISPECTOR, 2020b, p.109).

O acolhimento do mistério de possuir existência na obra de Clarice se dá a partir de uma experiência de ser tocada pelo mundo, seu corpo se sente imerso, mais do que isso, seu corpo possui uma abertura à realidade suprassensível e essa abertura à experiência de estar no escuro da noite lhe oferece profunda paz e acolhida do seu existir no mundo. No fundo, o que Clarice Lispector está querendo nos dizer é que o corpo constitui o lugar no qual se experimenta o mundo, bem como, o lugar por excelência em que se experimenta o sentir a própria existência; isto significa a tomada de consciência de si mesmo, no núcleo de sua identidade, algo que tanto busca Lóri. Disse então Ulisses para Lóri:

você é agora uma supermulher no sentido em que sou um super-homem, apenas porque nós temos coragem de atravessar a porta aberta. Dependerá de nós chegarmos dificilmente a ser o que realmente somos. Nós, como todas as pessoas, somos como deuses em potencial. Não falo de deuses no sentido divino. Em primeiro lugar devemos seguir a Natureza, não esquecendo os momentos baixos, pois que a Natureza é cíclica, é ritmo, é como um coração pulsando. Existir é tão completamente fora do comum que se a consciência de existir demorasse mais de alguns segundos nós enlouqueceríamos. A solução para esse absurdo que se chama “eu existo”, a solução é amar um outro ser que, este, nós compreendemos que exista” (LISPECTOR, 2020b, p. 146).

2.4 Por uma Metafísica do Corpo

Possivelmente, o maior fascínio do ser humano advém do dar-se conta de que possui uma existência. Há presente na obra *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* uma espécie de metafísica do corpo, visto que não podemos pensar uma separação entre imanência e transcendência, mas sim pensar uma transcendência que atravessa a sensibilidade do rosto de outrem (RIBEIRO, 2019, p.43). Desta forma, somos capazes de, na experiência de finitude, transcender ao infinito, pois o outro me aponta para o mistério. Podemos afirmar isto porque toda a experiência primordial pela qual vive a personagem Lóri no romance, atravessa a dimensão corpórea, a sua sensibilidade profundamente aguçada lhe permite atingir o que em si é intransponível e desconhecido.

Assim, *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* possui uma adjacência ontológica, ou seja, uma metafísica erigida pela sensibilidade do corpo, de modo que sua razão primordial seja de desvelar o ser. Esse desvelamento do ser encontraremos presente na personagem Lóri na sua busca por encontrar o núcleo da sua identidade quanto pessoa e, para isso, ela vai percorrer uma experiência de transgredir a própria linguagem, fazendo isto também por meio da linguagem. Ela irá penetrar no abismo de sua interioridade para compreender que a sua identidade enquanto pessoa não se conhece exclusivamente pelo conhecimento racional. Pois a existência, viver, ultrapassa os princípios lógicos racionais pelo qual achamos que nos garante um conhecimento englobante sobre nós. Lóri vai aprender que o não entendível constitui também o que ela é, ou seja, que o seu ser está quase que escondido, dentro deste mistério em que cabemos porque estamos nele, mas não sabemos nada sobre ele. “Sua busca não era fácil. Sua dificuldade era ser o que ela era, o que de repente se transformava numa dificuldade intransponível” (LISPECTOR, 2020b, p. 121). A angústia que atravessa o corpo de Lóri consiste do não saber nada sobre si mesma, o modo como busca lidar com a dor, com a solidão e com a morte são na verdade uma abertura ao mistério que circunda toda vida humana. Essas experiências possibilitam que o ser humano se abra ao seu próprio ser na medida em que se ultrapassa os limites do espaço temporal para deixar que o corpo se expresse dentro da realidade suprassensível no horizonte para a fluidez transcendente.

Lóri vive a experiência de ser corpo. E isso muda toda a realidade para ela, pois a sua vida será sentida através dele, máxima expressão de seu ser no mundo. Entretanto, com isso não pretendemos defender que a obra de Clarice Lispector constitui exclusivamente em apresentar uma metafísica materialista, mas antes de tudo entendemos que ela concebe que a existência do ser humano se constrói a partir de uma experiência que está dentro da realidade

sensível, mas esta se inclina e aponta para o conhecimento, para a felicidade, para verdade, para o bem e para comunhão, isto é, é aberta para o Absoluto e para a experiência transcendente. Deste modo, podemos perceber o quanto a obra clariciana valoriza o ser humano e a sua vivência de maneira integradora e englobante sem cair nos reducionismos, pois para ela o ser humano é dotado de corpo, alma e espírito. “Pois tendo experimentado ganhar um corpo e uma alma e a terra e o céu, queria-se mais e mais” (LISPECTOR, 2020b, p.129). De uma certa maneira, Clarice Lispector busca ascender o conflito dualista que atravessa a nossa cultural ocidental entre imanência e transcendência.

Existe uma descrição narrada por Lóri que nos ajuda a assimilar melhor a experiência metafísica, esta por sua vez, torna-se perceptível porque penetra a sua sensibilidade corpórea, ou seja, o corpo marcado pela sua condição finita defronta-se com o infinito. O corpo deseja estar unido ao infinito. (KRAUSE, Gustavo; FRANKEL, Roy. 2015, p. 117-118). Vejamos, nas palavras da narradora, o momento em que Lóri vivencia uma profunda união de seu corpo tocando o infinito; tomada por um êxtase, ela sente seu corpo ser invadido pela experiência de inefabilidade, pois seu corpo sente o que é estar diante de um mistério ininteligível:

Adormeceu de novo e dessa vez profundamente pois quando com uma espécie de sobressalto acordara já era dia. Olhou o relógio: eram cinco da manhã clara e límpida. A praia ainda estaria deserta e ela ia aprender o quê? Iria como para o nada. Vestiu o maiô e o roupão, e em jejum mesmo caminhou até a praia. Estava tão fresco e bom na rua! Onde não passava ninguém ainda, senão ao longe carroça do leiteiro. Continuou a andar e a olhar, olhar, olhar, vendo. Era um corpo a corpo consigo mesma dessa vez. Escura, machucada, cega – como achar nesse corpo a corpo um diamante diminuto, mas que feérico, tão feérico como imaginava que deveria ser os prazeres. Mesmo que não achasse agora, ela sabia, sua exigência se havia tornado infatigável. Ia perder ou ganhar? Mas continuaria seu corpo a corpo com a vida. Nem seria com a sua própria vida, mas com a vida. Alguma coisa se desencadeara nela, enfim. E aí estava ele, o mar. Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fizera um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornara-se o mais ininteligível dos seres onde circulava sangue. Ela e o mar. Só poderia haver um encontro de seus mistérios se uma se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões. Lóri olhava o mar, era o que podia fazer. Ele só lhe era delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da Terra. Seu corpo se consola de própria exiguidade em relação à vastidão do mar porque é a exiguidade do corpo que o permite tornar-se quente e delimitado, e o que a tornava pobre e livre gente, com sua parte de liberdade de cão nas areias. Esse corpo entrará no ilimitado frio que sem raiva ruge no silêncio da madrugada. A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. Com a praia vazia nessa hora, ela não tem o exemplo de outros humanos que transformam a entrada no mar em simples jogo leviano de viver. Lóri está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isso é uma realização da Natureza. A coragem de Lóri é a de, não se conhecendo, no entanto, prosseguir, e agir sem se conhecer exige coragem. Vai entrando. A água salgadíssima é de um frio que lhe arrepiava e agride em ritual as pernas.

Mas uma alegria fatal – a alegria é uma fatalidade – já a tomou, embora nem ocorra sorrir. (LISPECTOR, 2020b, p. 73-75).

É importante notarmos que a narrativa acima descreve Lóri caminhando para a grandiosidade de algo que a ultrapassa. Ela percebe que seu ser está diante de um mistério, assim como torna-se consciente de que também ela é um mistério que a inteligência não alcança totalmente. Embora seu corpo seja limitado pela imensidão e amplitude do universo, Lóri deseja pertencer, unir-se a esse mistério que lhe ultrapassa pelos limites impostos pela realidade finita de seu corpo, e esta experiência concerne ao ser humano uma transformadora condição para sua felicidade.

O corpo encontra sua plenitude na alma de Lóri quando, conduzida pela sua própria fome de comunhão, deseja se dar a Ulisses. Num instante de profunda intimidade relacional por meio do prazer erótico, Lóri e Ulisses transcendem a si mesmos se unindo numa espécie de comunhão metafísica em que ambos parecem possuir a vida um do outro. “Quem sou eu? Mas acho que agora sei; profundamente sou aquela que tem a própria vida e também a tua vida. Eu bebi a nossa vida”. (LISPECTOR, 2020b, p.149). Ulisses confessa o seguinte para Lóri: “A verdade, Lóri, é que no fundo andei toda a minha vida em busca da embriaguez da santidade. Nunca havia pensado que eu iria atingir era a santidade do corpo”. LISPECTOR, 2020b, p. 143). Isto é, plena vida sentida atravessa pelo corpo. Neste processo podemos afirmar que assumir o corpo é humanizar de maneira integral do ser humano.

O desconhecido nos aguarda, mas sinto que esse desconhecido é uma totalização e será a verdadeira humanização pela qual ansiamos. Estou falando da morte? não da vida. Não é um estado de felicidade, é um estado de contato.

(Clarice Lispector - A paixão segundo G.H)

3 IMPLICAÇÕES ÉTICAS EM TORNO DOS CONCEITOS DE CORPO E TRANSCENDÊNCIA PRESENTES NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR

Apresentamos o pensamento de Clarice Lispector nos dois primeiros capítulos em que abordamos de maneira profunda as ideias antropológicas na busca por uma definição do ser humano. Tratamos da angústia humana para encontrar-se com o mais real que há na vida interior e no *corpo* como manifestação, por excelência, da sua expressão no mundo e que conserva uma experiência de transcendência.

Neste último capítulo vamos expor uma síntese de como as interpelações presentes nas duas obras que escolhemos refletir, *A paixão segundo G.H.* e *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*, nos permitem pensarmos nas implicações éticas presentes na herança literária clariciana fazendo um diálogo com a Filosofia. Para isso, faremos um diálogo com o filósofo Emmanuel Levinas. Não pretendemos autenticar o pensamento de Clarice Lispector como filosófico por meio do pensamento levinaziano; nem muito menos sugerir que o texto de Lispector seja uma sombra do pensamento reflexivo filosófico de Levinas.

O que se pretende é apresentar aportes filosóficos da obra clariciana de modo que possamos fomentar diálogos de pensamento entre a obra clariciana e autores do campo da filosofia. Em suma, queremos pensar a filosofia e a literatura como uma unidade que aponta para novas diretrizes filosóficas do pensamento na nossa cultura ocidental. A discussão sobre a qual este trabalho se debruça não tem a pretensão de colocar os escritos da Clarice num sistema de teorias filosóficas, pois nem mesmo Clarice teve essa pretensão de que seus escritos fossem considerados filosóficos. No entanto, deve-se reconhecer que sua obra pode ser de grande contribuição para pensar novos moldes de pensamento para a antropologia filosófica. Em uma ocasião, quando foi entrevistada pelo o programa "Os Mágicos" da TV Educativa no ano de 1976, foi-lhe perguntado se escrevia por vocação ou por necessidade, sua resposta foi a seguinte: “eu só escrevo porque não consigo deixar de escrever”, “é mais forte do que eu”

(LISPECTOR, 1976). Dessa maneira, o ato de escrever para Clarice está mais interligado a um ato existencial do ser humano que aspira à liberdade.

O pensamento da romancista e ensaísta flui num ato de criação que exige liberdade, por isso, o exercício cotidiano de sua escrita se expressa como algo mais forte do que a decisão de não escrever. Escrever, para Clarice Lispector é paradoxalmente uma liberdade. Trata-se de entender a liberdade aqui como abraçar algo que é maior do que a própria vontade da pessoa, ou seja, a Clarice em seu ato de escrever obedece a um imperativo existencial que transgride a própria vontade de não escrever. Isto é, obedece a uma liberdade maior do que os seus impulsos. Quiçá tenha sido este o motivo de sua escrita, suas ideias e seu pensamento possuem tanta fluidez que fez com que muitos interpretem o seu entendimento como fronteiro do pensamento filosófico.

Apresentadas tais questões, podemos nos questionar: por que trazer uma escritora que se dedica a escrever romances e contos literários para o campo da reflexão filosófica? Antes mesmo de tentarmos responder tais indagações que possivelmente possam surgir, nos propomos fazer uma breve reflexão sobre como a literatura e a filosofia se entrecruzam e quais contribuições uma pode apresentar para outra.

Alguns autores que se dedicam aos estudos de filosofia e literatura defendem a tese de que ambas nasceram juntas, embora outros defendam a tese de que a filosofia se distinguiu drasticamente da literatura, tanto pelo método quanto pelo conteúdo. Outros ainda defendem a ideia de que a filosofia possuía um nível de superioridade por dedicar-se à busca pela verdade de maneira radical no constante exercício da razão fazendo o oposto da literatura que utilizava de uma linguagem mais mítica, simbólica e metafórica (MARQUES, 1994, p.35-36).

Mas o fato é que, antes mesmo da linguagem falada antes de compreendermos ou apreendermos a coisa em si e conceitualizá-la, é o que se está no nível simbólico e imaginativo que se apresenta nas estruturas do psiquismo humano. Desta maneira, entende-se que a filosofia enraíza seu discurso na narrativa mítica, já que ela exprime o pensamento oferecendo uma mediação entre a metáfora e o conceito (MARQUES, 1994, p. 20-22). Podemos afirmar, de tal modo que, a narrativa mítica, simbólica e metafórica nasce da fluidez do ser humano em permitir que seu psiquismo deixe-se conduzir por um ato livre de pensar.

A proposta, portanto, deste último capítulo consistirá em fazer uma síntese filosófica a partir a partir de uma releitura da obra de Clarice Lispector aqui consideradas, ou seja, mostrar que no pensamento de Clarice Lispector há elementos de bases filosóficas que podem contribuir no modo como podemos pensar a vida, o ser humano e sua relação com o mistério.

Como foi dito, não era aspiração de Clarice Lispector que seus escritos fossem vistos e reconhecidos como filosóficos, nem muito menos que ela fosse reconhecida como filósofa. No entanto, seu ato de filosofar estava implicitamente na essência de seu modo de pensar e de conceber o ser humano, portanto, sua literatura é filosófica; pois nos ajuda a buscar os porquês da existência do mundo, ser humano, da felicidade e da sua identidade. Isto significa, dedicar-se, debruçar-se sobre aquilo que é, pois o que o ser humano mais deseja é ser, embora ele já esteja sendo no tempo.

Lispector trata desses temas em sua obra *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*, em que a personagem Lóri deseja encontrar a sua identidade mais profunda, embora descubra que “sua busca não era fácil. Sua dificuldade era ser o que ela era, o que de repente se transformava numa dificuldade intransponível” (LISPECTOR, 2020b, p. 121). Há um enorme desejo de Clarice de entender como o ser se manifesta no tempo e no espaço da vida ordinária e cotidiana em que estamos submersos. No ordinário, no banal cotidiano em que nos parece que nada há de extraordinário, ressurgiu a vida pulsante e sedutora que exige de nós um olhar sensível para perceber o acontecimento da vida se transformando e se constituindo. Os personagens criados por ela vivem uma espécie de inquietude diante da existência, do desconhecido que conduz quem lê a obra a reelaborar novos conceitos sobre o que seja o ser humano, sobre a verdade e sobre a vida. A obra clariciana pode provocar o leitor que tem contato com seu pensamento num desejo incessante de compreender a sua própria incompletude, sua razão de ser numa vida que também está diante do inacabado, do mistério que vivemos, mas que não tocamos por completo em nós, pois sentimos no âmago da nossa experiência algo que é indizível e intransmissível, que é como a voz de um ser humano calado (LISPECTOR, 2020b, p.32). É justamente desse modo que Clarice concebe o ser humano: como uma pergunta misteriosa que não cabe em nenhum tipo de resposta completa e que nos conduz a viver numa conexão íntima entre o mistério do mundo e o nosso (LISPECTOR, 2020b, p. 52).

O ser humano é a sua incompletude, mas é também abertura ao mundo e ao outro. Deste modo, podemos compreender que a abertura e alteridade do ser humano para aquilo que se manifesta na exterioridade implica um comprometimento, uma responsabilidade ética que harmoniza as relações, o bem viver consigo, com o mundo e com o outro. A isso chamaremos de transcendência, pois pensamos um tipo de transcendência que se dá ou inicia-se na imanência, pois há um desejo e uma intencionalidade orientada pela sensibilidade corporal que me leva ao outro. Sobre este tema há um episódio descrito pela narradora que pode se aproximar desta concepção de que é a sensibilidade do olhar o rosto do outro que revela o que está buscando em si mesma, como se dá com o encontro entre Lóri e Ulisses na sua entrega de amor.

A narrativa diz que: “ele a beijou demoradamente até que ambos puderam se descolar um do outro, e ficaram se olhando sem pudor um nos olhos do outro. Ambos sabiam que já tinham ido longe demais. E ainda sentiam perigo de entregarem-se tão totalmente” (LISPECTOR, 2020b, p. 141). Como nos é possível perceber no trecho acima, o olhar vem antes do prazer, visto que a sensibilidade toca a carne, lugar da manifestação sensível por excelência. Ulisses se permite ser tocado pelo rosto de Lóri porque existe um desvelamento do ser dela que se manifesta no tempo e no espaço. Neste sentido, o olhar de Ulisses deseja unir-se numa comunhão com o corpo de Lóri, numa comunhão de modo que ambos se reconheçam através do olhar, que aqui se compreende como a própria abertura ao ser (LEVINAS, 1988, p.187). A partir desta perspectiva, nos dirá o filósofo Nilo Ribeiro que haveremos de “pensar numa *fenomenologia* marcada pela descrição do corpo e da encarnação, levando-se em conta a anterioridade daquele Rosto que vem de alhures e com o qual se está em influência seja pelo olhar que me olha, seja pela pele que me acaricia mesmo sem tocar” (RIBEIRO, 2019, p. 42).

Pensar nisso deve fazer-nos pensar que existe uma *fenomenologia* da corporeidade que me apresenta a outrem de modo que também eu seja reconhecido neste corpo, já que o processo de alteridade supõe a sensibilidade do olhar e de uma identificação por outrem. É, pois, sobre essas concepções da transcendência que se expressa na corporeidade que iremos refletir neste último capítulo.

3.1 Corpo-Ético

Retomaremos a reflexão do romance *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*, em que as dimensões da identidade e da felicidade não se encontram ou se vivem na individualidade, mas exigem uma relação com o outro. Relação que se sustém por meio da encarnação, do olhar e do Rosto de outrem. No processo de aprendizagem de Lóri, entenderemos que viver supõe aceitar a condição existencial na qual se vive. Mais do que isso, suporá viver na necessidade de se entregar na relação ao outro. Em outros termos isto significa afirmar que viver a melhor vida é assumir a vida que é minha, mas que também é do outro. “Quem sou eu? Mas acho que agora sei: profundamente sou aquela que tem a própria vida e também a tua vida. Eu bebi a nossa vida” (LISPECTOR, 2020b, p. 149).

Podemos, pois, entender a transcendência como relação que me conduz em direção ao outro. O outro me revela um rosto que me faz comprometer-se com ele, pois consiste em ser aquilo que se mostra exteriormente ao outro. Logo, nos dirá Emmanuel Levinas, que “a epifania do rosto é ética”, pois nos conduz a uma atitude de comprometimento a partir da nudez do rosto.

(LEVINAS, 1988, p.208). Nisto podemos compreender, dentro da perspectiva da obra clariciana, que o que ilumina a existência se mostra através do rosto e da relação com alguém.

No romance, a personagem Lóri viverá numa busca abissal de si mesma, deseja expandir-se, deseja se dar ao amor. Entretanto, deverá aprender primeiramente como amar e, para isso, precisará ter a companhia de um outro, no caso aqui, de Ulisses. A sua presença será provocativa e inquietadora para que Lóri encontre a verdadeira vida; acolher o que já está vivendo no seu corpo. Por conseguinte, a angústia de Lóri consistirá em não saber lidar com a dor, ela aspira viver sem a dor até o momento dela descobrir que evitando a dor estaria também fugindo da alegria. Esta angústia será algo que lhe exigirá o máximo de contato interno consigo mesma, algumas vezes não saberá nem nomear o desassossego que internamente vive, pois o existir lhe coloca no limite em que nem a própria razão alcança. No entanto, seu corpo expressará o que nela mesmo parece ser mistério oculto, que pouco a pouco irá ser desvelado com o processo de aprendizagem e humanização.

Neste processo de autoconhecimento de Lóri na descoberta do amor, ela contará de maneira primordial com a presença de Ulisses para encontrar-se consigo mesma e este encontro se dará através da relação corporal em que a sensibilidade da carne a conduz a uma plena felicidade. Aqui não se trata de pensar numa ideia de complementariedade, em que para se ser feliz necessita-se do outro que o complementa, pelo contrário, Clarice Lispector propõe pensar que a felicidade está no processo de individuação em que se busca conhecer a si mesmo, para que ulteriormente se chegue a um processo de transcendência que perpassa, se integra na relação com o outro. Por isso, tocar a carne será algo imprescindível na relação com o outro e será deste modo, portanto, que o corpo, o Rosto do outro me leva a percebê-lo como *ethos* (morada) do rosto, já que me leva a uma responsabilidade com ele. Fiquemos atentos para identificarmos como isto se manifesta na relação entre Lóri e Ulisses, quando Lóri se entrega à experiência do amor e no seu próprio corpo que antes fora banalizado pela fuga da dor, agora sente e experimenta o amor nele mesmo se manifestando pela carícia da pele de Ulisses. O que ambos irão sentir nesta relação de se dar ao amor é a humanização que o sentir-se um com o outro provoca “por um instante, como se tivessem combinado, ele beijou sua mão, humanizando-se” (LISPECTOR, 2020b, 139). Ou seja, a humanização de ambos é sentida quando se permitem ser tocados pelo outro. Logo, há uma necessidade do outro para que o Eu possa encontrar-se com a sua própria identidade. Vejamos na descrição da experiência de Lóri e Ulisses como isso se dá:

Ela adivinhou que ele quase adormecia, e então despregou devagar sua mão da dele. Ele sentiu logo a falta de contato e disse entre acordado e dormindo:

- É porque eu te amo.

Então ela, em voz baixa para não despertá-lo de todo, disse pela primeira vez na sua vida:

- É porque te amo.

Grande paz tomou-a por ter enfim dito. Sem medo de acordá-lo e sem medo da resposta, perguntou:

- Escute, você ainda vai me querer?

- Mais do que nunca, respondeu ele com voz calma e controlada. A verdade, Lóri, é que no fundo andei toda minha vida em busca da embriaguez da santidade. Nunca havia pensado que o que eu iria atingir era a santidade do corpo. Quanto a ela, lutara toda a sua vida contra a tendência ao devaneio, nunca deixando que ele a levasse até às últimas águas. Mas o esforço de nadar contra a corrente doce havia tirado parte de sua força vital. Agora, no silêncio em que ambos estavam, ela abriu suas portas, relaxou a alma e o corpo, e não soube quanto tempo se passara pois tinha-se entregue a um profundo e cego devaneio que o relógio da Glória não interrompia.

Ele se mexeu na cama. Então ela falou:

- Você tinha me dito que, quando me perguntassem meu nome eu não dissesse Lóri, mas “Eu”. Pois só agora eu me chamo “Eu”. E digo: eu está apaixonada pelo teu eu. Então nós é. Ulisses, nós é original. (LISPECTOR, 2020b, 142-143).

No trecho acima podemos notar que a transcendência manifestada no corpo de Lóri e de Ulisses se dá na relação. Por isso a ausência da carícia, das mãos ausentes de Lóri em relação a Ulisses fará que mesmo adormecido ele sinta a falta dela, pois o movimento do amante está voltado para a complacência da carícia.

Deve-se entender esse fenômeno como uma fome da ausência do outro, já que o rosto do outro revela aquilo o que nele não posso captar na sua totalidade, pois estou diante de um mistério sendo incapaz de exprimir e dizer algo (LEVINAS, 1988, p.256). Há uma vida que atravessa e é sentida no corpo. Um e outro se reconhecem quando no silêncio se olham e identificam a ponto de Lóri dizer: “Eu sou tua e tu és meu, e nós é um” (LISPECTOR, 2020b, p.145) e essa união não é sentida como totalidade, pois o mistério a habita. Esta totalidade não consiste no abarcar o todo do outro, mas antes de tudo desejo de completude que se abre numa perspectiva de sempre querer o mistério, estar em contato com ele, viver numa abertura para essa comunhão do absolutamente outro em que não se alcança plenamente. Por isso, o ser humano é para Clarice Lispector um ser de busca, estar sempre com sede, com fome. E esta sede trata-se da inclinação do ser humano pelo outro, desejo de tocar no outro e senti-lo. “Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada” (LISPECTOR, 2018, p.130).

Desse modo, a relação com o outro consiste em ser a única maneira que introduz no ser humano a dimensão da transcendência (LEVINAS, 1988, p.187). Ainda sobre este aspecto vale

ressaltar que a perplexidade de se sentir tocada e amada faz com que a linguagem de Lóri desapareça dando lugar ao silêncio. Como se a linguagem não fosse capaz de exprimir o quê aquele momento de prazer e de afago afetivo simbolizava para sua existência, é como se a alegria não fosse caber dentro do corpo. “Lóri quis transmitir isso para Ulisses, mas não tinha o dom da palavra e não podia explicar o que sentia ou o que pensava, além de que pensava quase sem palavras” (LISPECTOR, 2020b, p.142). Aqui por sua vez, mostra-se a nudez do ser e se anuncia uma alteridade diante de um corpo que se revela ao outro, de modo que a própria maneira de dizer ou de manifestar parece ceder à mudez, ao indizível, pois o outro é intransponível e infinito.

Vejamos, pois o que diz Emmanuel Levinas a respeito de como na imanência a transcendência se manifesta na exterioridade do corpo do outro e de que modo o outro me leva a um comprometimento ético:

O ser que se exprime impõe-se, mas precisamente apelando para mim da sua miséria e da sua nudez – da sua fome – sem que eu possa ser surdo ao seu apelo. De maneira que, na expressão, o ser que se impõe não limita, mas promove a minha liberdade, suscitando a minha bondade. A ordem da responsabilidade ou a gravidade do ser inelutável gela todo o riso, é também a ordem em que a liberdade é inelutavelmente invocada de modo que o peso irremissível do ser faz surgir a minha liberdade. O inelutável não tem a inumanidade do fatal, mas a seriedade severa da bondade. O elo entre a expressão e a responsabilidade – condição ou essência ética da linguagem – essa função da linguagem anterior a todo desvelamento do ser e ao seu frio esplendor permitem subtrair a linguagem à sua sujeição relativamente a um pensamento preexistente, cujos movimentos interiores ela teria unicamente a servil função de traduzir cá para fora ou de universalizar. (LEVINAS, 1988, p.195).

Ou seja, o modo como o outro se exprime e se mostra a mim me faz comprometer-me de maneira ética com a sua vida. Podemos postular que a experiência vivida por Lóri na relação com Ulisses está toda baseada sob esta lógica. Quando Ulisses percebe que há uma fragilidade, vulnerabilidade e uma complexidade na condição existencial presente em Lóri, ele não busca favorecimento pessoal, mas antes deseja ajudá-la a aprender a conviver com a dor da solidão que lhe habita, ajuda a reencontrar o sentido pela vida e por fim ampara, oferece suporte ao drama que é existir. “Não tenha medo. Em primeiro lugar, do modo como eu queria que você fosse minha, só acontecerá quando você também quiser desse mesmo modo. E ainda demora porque você não descobriu o que precisa descobrir” (LISPECTOR, 2020b, p.91). Ulisses não abandona a sua posição ética pelo seu desejo de somente obter uma relação de prazer com Lóri, enxergá-la dessa forma seria objetificar, coisificar o outro, estabelecendo, por conseguinte uma relação *equivoca*. Antes Ulisses faz a opção pela espera. Aguarda pacientemente que Lóri esteja pronta para se entregar ao amor. Lóri precisa habitar-se, descobrir a própria vida, pois a vida

que vive não parece ser sua, já que lhe falta a consciência de que esteja usufruindo. Será, portanto, necessário expandir-se num movimento por desejar ser corpo-constituente (RIBEIRO, 2019, p.192).

3.2 Corpo-Hospitalidade

Clarice Lispector em sua obra *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*, explora de maneira poética, estética e simbólica o corpo feminino de modo a desconstruir os estereótipos culturalmente estruturados na sociedade patriarcal. A busca por escolher uma protagonista mulher neste romance pode nos levar a pensar que Clarice Lispector está rompendo com uma postura do patriarcado em que vê o corpo da mulher somente como fonte do prazer, de modo que essa interpretação levaria a um reducionismo da construção da identidade e subjetividade da mesma. Pensar desse modo seria instrumentalizar a integridade do ser humano.

Muito embora o corpo seja o lugar pelo qual se experimenta o mundo, se vive o prazer e toda a dimensão do erotismo e do belo, Clarice Lispector pensa no corpo como uma significação em que o próprio sujeito exprime a sua identidade na plenitude do seu ser no seu ato de existir. O corpo, segundo a autora, exterioriza a inteireza de todo o ser humano presente e se afirmando no mundo, na relação consigo mesma e na relação afetiva com o outro, ou seja, há uma compreensão de visão antropológica proposta por Clarice Lispector em que busca enxergar a pessoa na sua integralidade como *corpo e alma*.

Por isso que se deve pensar o ser humano como aquele que aspira e deseja a comunhão. A relação estabelecida entre Lóri e Ulisses é fundada numa espécie de comunhão plena em que há uma hospitalidade como se um acolhesse o outro dentro de si, de modo, que ambos não serão mais os mesmos e cada um leva em seu próprio corpo o selo da presença do outro, com sua alteridade e diferença (BINGEMER, 2018, p.111).

Comigo você falará sua alma toda, mesmo em silêncio. Eu falarei um dia minha alma toda, e nós não nos esgotaremos porque a alma é infinita. E além disso temos dois corpos que nos será um prazer alegre, mudo, profundo (LISPECTOR, 2020b, p.86).

Existe uma alteridade pensada por Clarice Lispector que se realiza na relação do corpo a corpo que se metamorfoseia em amor erótico como é o caso de Lóri com Ulisses.

O amor é uma aprendizagem tão profunda que Lóri vai aprender na sua relação com Ulisses que mesmo a morte não sobreporá ao sentimento de viverem a experiência de serem

amados, pois o amor erótico, dirá o filósofo Nilo Ribeiro, consiste em apresentar a grande novidade da alteridade que nasce do confronto com o nada da morte (RIBEIRO, 2019, p.160).

O prazer, a alegria experimentada na carne de Lóri é tão forte que ela irrompe com o abismo obscuro da morte porque descobriu o profundo sentido de viver. “Pensou por um instante se a morte interferiria no pesado prazer de estar viva. E a resposta foi que nem a ideia de morte conseguia perturbar o indelimitado campo escuro onde tudo palpitava grosso, pesado e feliz. A morte perdera a glória” (LISPECTOR, 2020b, p. 143).

Por conseguinte, fica muito clarificado para nós a partir da leitura que o contato com o corpo do outro aparece como uma fonte de sedução que esbarra na *alteridade* que se expressa na carícia, numa palavra, num gesto, no encanto pela beleza do rosto e do corpo de outrem. O outro é quem abre a possibilidade de que *Eu* possa me aproximar do mistério, que segundo Emmanuel Levinas, estar dentro da perspectiva daquilo que está *porvir* (LEVINAS, 1988, p.256-257).

Esta mesma interpretação podemos assimilar e reler a partir do romance de Clarice Lispector através da personagem Lóri, pois ela está sempre à espera de conhecer e compreender a sua própria existência na sua amplitude, no entanto, sente que o ato de existir na sua corporeidade e na matéria do mundo lhe escapa ao entendimento.

Por isso, Lóri vive na espera de que um dia a promessa de entender o ininteligível, de ingressar dentro do mistério, daquilo que está porvir, se desvele e se mostre para que ela possa sentir a vida na sua plenitude. Esta experiência será sentida por no corpo quando ela se entrega ao amor para Ulisses. Ou seja, trata-se de um corpo reconhecido como capaz de realizar a transmissão daquilo que ela gostaria de oferecer a ele e que não conseguia transmitir, traduzir em palavras (ALMEIDA,2019, p.139). Podemos, neste sentido, considerar que há uma episteme na obra Clariciana que pensa a transcendência do ser humano não como uma elevação da alma e do espírito, mas como uma alteridade sentida primeiramente no corpo que conduz a uma fecunda relação com outro para assim se aproximar do mistério absoluto. “Seu coração começou a bater forte, e ela se sentiu pálida pois todo o sangue, sentiu, descera-lhe do rosto, tudo porque sentiu tão repentinamente o desejo de Ulisses e o seu próprio desejo” (LISPECTOR, 2020b, p.138). O humano e o sagrado se unificam em Lóri a ponto de experienciar em seu corpo uma transfiguração. “Já que tinha esperado tanto tempo, quase em seguida eles se possuíram realmente de novo, dessa vez com a alegria austera e silenciosa. Ela se sentiu perdendo todo o peso do corpo como uma figura de Chagall” (LISPECTOR, 2020b, p. 142).

Vejamos como a descrição do acontecimento construído por Clarice Lispector na relação entre Lóri e Ulisses se aproxima daquilo que compreende Emmanuel Levinas quando diz que: “na carícia, o corpo desnuda-se já da sua própria forma para se oferecer como nudez erótica estabelecendo uma união de significação que leva ao infinito, isto é, Outrem” (LEVINAS, 1988, p. 202, 257):

Depois mantiveram-se quietos, de mãos dadas. Por um instante ela retirou a mão, acendeu um cigarro, passou-o para ele, e acendeu outro para si mesma – depois tornou a pegar na sua mão. Logo ele apagou o cigarro. Estava escuro, como ela quisera, e eles calados. Nunca me sei como agora, sentia Lóri. Era um saber sem piedade nem alegria nem acusação, era uma constatação intraduzível em sentimentos separados uns dos outros e por isso mesmo sem nomes. Era um saber tão vasto e tranquilo que “eu não sou eu”, sentia ela. E era também o mínimo, pois tratava-se, ao mesmo tempo, de um microcosmo e de um macrocosmo. Eu me sei assim como a larva se transmuta em crisálida: esta é minha vida entre vegetal e animal. Ela era tão completa como o Deus: só que Este tinha uma ignorância sábia e perfeita que O guiava e ao Universo. Saber-se a si mesma era sobrenatural. Mas o Deus era natural. Lóri quis transmitir isso para Ulisses, mas não tinha o dom da palavra e não podia explicar o que sentia ou o que pensava, além de que pensava quase sem palavras. (LISPECTOR, 2020b, p.142).

3.3 Corpo-Metamorfose

É importante percebermos que toda obra de Clarice toca e fala do que é cotidiano, daquilo que concretamente podemos tatear, pois está acontecendo dentro do plano fenomenológico da sensibilidade da nossa existência. No entanto, ela se utiliza de símbolos e de uma metalinguagem para dizer daquilo que nos é inacessível, que temos de misterioso porque não se faz entendível na sua plenitude.

Lispector deseja a completude do ser e faz deste exercício sua voraz vontade de viver. Por isso, quase sempre os enredos de seus romances e contos partem da experiência de um personagem que vive na busca por uma identidade.

Em seu romance *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector cria a partir do cotidiano de uma mulher de classe média nomeada como G.H, uma espécie de inquirição da sua própria identidade por meio da matéria, com seu corpo e com o mundo. Vale salientar o quanto há um esforço de Clarice não de transcender e ir além do mundo, mas de, na imanência, encontrar significação para a existência.

A palavra de Clarice é uma palavra da imanência e criada a partir dela, uma vez que ela cria a partir da sua percepção de mundo. Essa afirmação não nos deve levar a compreender que Clarice nega ou rejeita o caráter de transcendência do espírito humano, mas que o integra e radicaliza dentro de uma perspectiva que fala e é sentida no interior da vida humana. Podemos

compreender, a partir da leitura clariciana, que transcendência pode ser um evento, um acontecimento. Um acontecimento que rompe, quebra com aquilo que aparentemente pode ser considerado banal da vida cotidiana, ou seja não há uma solenidade, mas uma quotidianidade que vai se ritualizando no ordinário da vida, como por exemplo: uma mulher que entra num quarto que era utilizado pela sua empregada que foi demitida e dentro deste espaço vazio que até então lhe era desconhecido depara-se com uma barata que a conduz a um processo de alteridade; em outra obra, Clarice apresenta a relação de uma mulher (Lóri) com um professor de filosofia (Ulisses) que descobre por meio do outro um modo de aprender a lidar com a dor da própria existência.

O romance *A Paixão Segundo G.H* pode nos ajudar a assimilar como o ser humano pode viver na sua dinamicidade de encontrar-se com a sua identidade, de maneira que também considere a existência humana como um constante devir. A personagem G.H. é uma mulher que está à procura da sua ordem, está à procura de uma espécie de organização, pois tem medo de se perder, perder-se no abismo que é viver, medo da desordem.

Estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? A isso quereria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. Isso prefiro chamar desorganização pois não quero me confirmar no que vivi – na confirmação de mim eu perderia o mundo como o tinha, e sei que não tenho capacidade para outro (LISPECTOR, 2020a, p.9).

Há um desejo profundo da G.H. de soltar-se livremente ao mistério da sua identidade que lhe habita, entretanto, paradoxalmente lhe permeia um profundo medo. “Tenho medo de viver o que não entendo – quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação” (LISPECTOR, 2020a, p.11). Ser posto na existência, o próprio ato de existir cria um modo angustiante, mais ainda quando se busca e aspira o profundo sentido do que é ser. “Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? E, no entanto, não há outro caminho. Como se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo?” (LISPECTOR, 2020a, p.11). Esse medo que tem G.H do mistério que lhe atravessa constitui também como o temor de tocar em algo de si que lhe tire de suas conformações e seguranças que a *psiqué* humana vai desenvolvendo para protegê-la do caos que interiormente lhe habita. O medo da liberdade, medo do pensamento livre, medo de descobrir a verdade que lhe habita.

Contudo, haverá um movimento na G.H. que a coloca diante de um acontecimento que a faz mudar profundamente sua existência. A partir de um acontecimento banal vindo da vida ordinária, G.H. depara-se com o mistério de si mesma, de agora em diante não mais a partir da sua introspeção reflexiva, mas através da relação de alteridade com o outro. Este outro volta-se para ela desvelando a sua identidade, é um outro que a coloca diante do absoluto desconhecido, ou seja, o outro que conduz ao mistério que em nós não alcançamos. Aqui podemos compreender o outro como uma espécie de espelho, de modo que podemos pensar que a visão se constitui como a própria abertura do ser através do rosto do outro no qual me vejo, ainda que sempre incompletamente (LEVINAS, 1988, p.187).

O processo de metamorfose de G.H. inicia-se com uma vontade de pôr as coisas em ordem. Segundo a narradora-personagem, “arrumar é achar a melhor forma” (LISPECTOR, 2020a, p.31). O desejo de colocar as coisas externas em ordem compreende-se ou se confunde primariamente com o desejo de que dentro de si haja ordem.

Num dia em que estava sem a sua empregada em casa, G.H. decide fazer uma arrumação em seu apartamento e inicia pelos fundos, pelo quarto da empregada. Postula ela que o quarto em que ficava a sua empregada estivesse sujo, imundo; entretanto, depara-se com um quarto em que as coisas estão todas inteiramente em ordem e limpas. De maneira inesperada, G.H. depara-se com uma barata e, após um golpe na tentativa de aniquilar o inseto a narradora-personagem vai descrevendo a identificação de G.H. com o animal que resiste ao golpe violento da força da porta. O mundo interior de G.H. pula num sobressalto ao desconhecido mundo da barata. Seu temor consiste em deparar com a sua verdade mais íntima, a verdade de que dentro de si há uma desordem. Estar dentro desta matéria viva que é existir lhe provoca estranheza, já que o medo maior se constitui em perceber que se está viva “viver não é coragem, saber que se vive é a coragem” (LISPECTOR, 2020a, p. 23).

O desabrochamento da G.H. será em mergulhar no real, entende-se aqui o real de possuir, de se ter uma vida e vivê-la independentemente de como ela se nos apresenta. Por conseguinte, a identidade singular de G.H. será desnudada no seu olhar de alteridade para com a barata: “é que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda” (LISPECTOR, 2020a, p.56). Clarice afirma que

Foi então que a barata começou a emergir do fundo. Antes o tremor anunciante das antenas.

Depois, atrás dos fios secos, o corpo relutante foi aparecendo. Até chegar quase toda à tona da abertura do armário. Era parda, era hesitante como se fosse enorme de peso. Estava agora quase toda visível.

Abaixei rapidamente os olhos. Ao esconder os olhos, eu escondida da barata a astúcia que me tomara – o coração me batia quase como numa alegria. É que inesperadamente eu sentira que tinha recursos, nunca antes havia usado meus recursos – e agora toda numa potência latente enfim me latejava, e uma grandeza me tomava: a da coragem, como se o medo fosse o que me tivesse enfim investido de minha coragem. Momento antes eu superficialmente julgara que meus sentimentos eram apenas de indignação e de nojo, mas agora eu reconhecia – embora nunca tivesse conhecido antes – que o que sucedia é que enfim eu assumira um medo grande, muito maior do que eu.

O medo grande me aprofundava toda. Voltada para dentro de mim, como um cego toda incumbida por um instinto.

E estremei de extremo gozo como se enfim eu estivesse atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce – como se enfim eu experimentasse, em mim mesma, uma grandeza maior do que eu (LISPECTOR, 2020a, p. 50-51).

Contemplamos aqui uma aproximação do mundo de G.H. com o mundo da barata o que, na verdade, revela-se ser um encontro no mesmo mundo que é feito da matéria viva de ambos presente no mundo. Muito embora o medo seja de perder a sua identidade; na verdade G.H. encontra-se diante de um outro que despe o seu ser. De modo que voltando-se para si mesma ela reconhece as raízes de sua identidade como um ser que está integrado e se move dentro da matéria do mundo. Ainda que a G.H. relute consigo mesma e com o instante que não tem promessa, mas, que é, e está sendo, ela não tem como evitar o mistério do que lhe está acontecendo, ela abre-se à novidade (LISPECTOR, 2020a, p.86). Sente e experimenta em seu corpo um movimento fecundo do desejo de aproximar-se do que ela não entende, pois sente dentro de si que o mistério lhe permeia, todavia, lhe ultrapassa ao conhecimento cognoscível. Sob este aspecto epistemológico podemos afirmar que a transcendência equivale a um movimento do desejo de desejar que nos direciona a Outrem (LEVINAS, 1988, p. 268). Como nos dirá a narradora-personagem que deseja o que está sendo no tempo e no espaço de modo a tocar no que considera aparentemente intocável, na matéria viva da existência, ou seja, transcender é tocar no mundo vivo.

Mas eu quero muito mais que isto; quero encontrar a redenção no hoje, no já da realidade que está sendo, e não na promessa, quero encontrar a alegria neste instante – quero o Deus naquilo que sai do ventre da barata – mesmo que isto, em meus antigos termos humanos, signifique o pior, e, em termos humanos, o infernal

Sim, eu queria. Mas ao mesmo tempo segurava com as duas mãos a boca do estômago: “não posso!”, implorei para um outro homem que também ele nunca pudera e jamais poderia. Não posso! Não quero saber de que é feito aquilo que até agora eu chamaria de “o nada”, não quero sentir diretamente na minha boca, tão delicada o sal dos olhos da barata, porque, minha mãe, eu me habituei ao encharcado das camadas e não à simples umidade da coisa (LISPECTOR, 2020a, p.82).

Não obstante, ela partirá da imanência, ou seja, daquilo que lhe é captável e acessível à sensibilidade na busca de entender a sua própria humanidade visto que sente a vida desde dentro. Nesse sentido, o desejo maior que ela vai aprender pouco a pouco no seu contato direto

com o mundo, com o outro (barata) e com o absoluto, consiste em acolher a sua condição existencial de ser no mundo e perceber-se matéria em que pulsa vida.

Há, portanto, um querer desejar a imanência total que primariamente se sente pelo corpo, como nos dirá Clarice em seu outro romance *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*, através da sua personagem: “o corpo se transformava num dom. E ela sentia que era um dom porque estava experimentando, de uma fonte direta, à dádiva indubitável de existir materialmente” (LISPECTOR, 2020b, p.128). Sentir-se desde dentro num movimento dialético para fora, na persecução de tocar o real. O conhecimento do real consiste em crescer na consciência de que se vive, de que se tem uma vida e de esta é a real, pois trata-se da única que possuímos. Isto posto, compreende-se que a partir da releitura que fizemos do romance *A paixão segundo G.H.*, o processo de metamorfose vivido por G.H. significa se pertencer, ou seja, acolher-se num processo de humanização. Por isso a narradora-personagem constrói uma narrativa que é uma reflexão contínua e dialógica voltada para si mesma, pois trata-se de examinar o humano; o humano em si e por si, G. H. afirma que “eu dera o primeiro passo: pois pelo menos eu já sabia que ser um humano é uma sensibilização, um orgasmo da natureza” (LISPECTOR, 2020a, p.126).

Mas por que não ficar dentro, sem tentar atravessar até a margem oposta? Ficar dentro da coisa é a loucura. Não quero ficar dentro, senão minha humanização anterior, que foi tão gradual, passaria a não ter tido fundamento.

E eu não quero perder a minha humanidade! Ah, perdê-la dói, meu amor, como largar um corpo ainda vivo e que se recusa a morrer como os pedaços cortados de uma lagartixa.

Mas agora era tarde demais. Eu teria que ser maior que meu medo e teria que ver de que fora feita a minha humanização anterior. Ah, tenho que acreditar com tanta fé na semente verdadeira e oculta de minha humanidade, que não devo ter medo de ver a humanização por dentro (LISPECTOR, 2020a, p.144).

3.4 A Dor de Lóri, dor do humano

No romance *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*, Lóri é uma mulher que vive em constante fuga da dor. Interessante notarmos como a obra de Clarice Lispector sempre vai beirar, fazer fronteira com os dramas da existência. O humano lhe interessa com bastante voracidade. Dentro da perspectiva da existência humana nos seria impossível imaginar um ser humano que não atravessa ou viva a experiência do sofrimento. No entanto, em nossa própria existência podemos encontrar possibilidades, não de negar a dor e o sofrimento, mas de aprender a conviver e acolher esta realidade que é inerente à nossa natureza.

Lóri precisará acolher a dor num ato de transformação de si para que assim possa encontrar a felicidade. O caminho importante aqui não será negar o que sente, mas acolher

como gesto de aprendizagem. Para isso ela terá que romper com o seu casulo, metaforicamente falando, já que é uma mulher que vive numa aguda solidão, mora sozinha num apartamento e possui muito poucas relações interpessoais. A própria Lóri dirá a Ulisses posteriormente, antes de se entregar numa profunda relação, que tem medo de que a sua relação com ele seja uma repetição decepcionante como foi a relação com seu pai que: “transformara ela, sua filha, em sua protetora. E ela, na infância, não pudera olhar sequer para o pai quando este tinha uma alegria, porque ele, o forte, o sábio, nas alegrias ficava inteiramente inocente e desarmado” (LISPECTOR, 2020b, p. 140). A partir deste trecho que expomos, nota-se que a insegurança da Lóri na relação com o outro corresponde a uma não confiança no outro, já que não tinha antes experimentada antes ser amparada.

O primeiro passo na aprendizagem de Lóri será aprender a viver com o aspecto de desamparo da sua existência. Lóri é uma pessoa desamparada, isso não constitui uma escolha, uma condição unicamente sua, o desamparo integra e está intrinsecamente unido à existência da vida humana, como podemos ler neste trecho: “naquela hora da noite conhecia esse grande susto de estar viva, tendo como único amparo apenas o desamparo de estar viva. A vida era tão forte que se amparava no próprio desamparo” (LISPECTOR, 2020b, p.136). Ela nota que a dor de existir é algo que gradualmente vai lhe causando sofrimento, sua busca consiste em encontrar-se com a sua verdadeira identidade, para isso precisará contar com a presença, com a companhia de um outro (Ulisses), como também do absoluto, que ela chamará de Deus.

Nós somos *ser* na relação com os outros, de modo que na relação de intersubjetividade no espaço-tempo da coexistência, em que a *ipseidade* do Eu emerge sobre a simples identidade aparece também a reciprocidade da relação com o outro. Ou seja, o sujeito se constitui na relação na forma de *ser-com-o-outro* (VAZ, 1992, p.55-60).

No romance, Clarice Lispector constrói uma personagem que está submersa na sua introspeção em busca de identidade e felicidade; no entanto, ela pensa primordialmente a existência humana sempre na relação. O que instiga Clarice Lispector é o humano na sua relação com o outro. Nesta obra sobre a qual estamos nos debruçando a percorrer um itinerário de estudos filosófico-literários, compreende-se que é em uma relação Eu-Tu, como no caso de Lóri e Ulisses, que a experiência com o outro se constitui como um horizonte para a transcendência.

Vejam na narrativa de Clarice Lispector como essa experiência de uma unificação de um Eu-Tu, se compreende na relação com o outro, que constitui também um horizonte de transcendência, ao mesmo tempo em que coloca em questão a exigência ética na medida em que toma consciência que acolhe a alteridade:

E agora era ela quem sentia vontade de ficar sem Ulisses, durante algum tempo, para poder aprender sozinha a ser. Já duas semanas se haviam passado e Lóri sentia às vezes uma saudade tão grande que era uma fome. Só passaria quando ela comesse a presença de Ulisses. Mas às vezes a saudade era tão grande, ela queria absorver Ulisses todo. Essa vontade dela ser de Ulisses e de Ulisses ser dela para uma unificação inteira era um dos sentimentos mais urgentes que tivera na vida. Ela se controlava, não telefonava, feliz em poder sentir.

Mas o prazer nascendo doía tanto no peito que às vezes, Lóri preferiria sentir a habituada dor ao insólito prazer. A alegria verdadeira não tinha explicação possível, não tinha sequer a possibilidade de ser compreendida – e se parecia com o início de uma perdição irrecuperável. Aquele fundir-se com Ulisses que fora e era o seu desejo, tornara-se insuportavelmente bom. Mas ela sabia que não estava à altura de usufruir de um homem. Era como se a morte fosse o nosso bem maior e final, só que não era a morte, era a vida incomensurável que chegava a ter a grandeza da morte. Lóri pensou: não posso ter uma vida mesquinha porque ela não combinaria com o absoluto da morte.

Pelos minutos de alegria porque passara, Lóri soube que a pessoa devia deixar-se inundar pela alegria aos poucos – pois era a vida nascendo (LISPECTOR, 2020b, p.115-116).

Por conseguinte, a aprendizagem de aprender a conviver com o desamparo que lhe angustia propiciará a ela também a possibilidade de viver com a solicitude da sua própria presença sozinha. Podemos dizer, pois, que a solidão também é o espaço da fecundidade, do amadurecimento humano. Mergulhar, viver e saborear a própria companhia será à salvação de si mesma. Mas há que se pensar aqui, numa experiência de solidão em que se tenha solicitude profunda, pois através dela e por ela é que se pode chegar ao autoconhecimento e a uma reflexão na imanência que conduz à experiência de transcendência que na leitura clariciana chama-se de *estado de graça*, que é quando a pessoa chega uma vivência de profundo sentido da vida, uma espécie de epifania que lhe é propiciada uma abertura ao mundo: “era preciso não esquecer que o estado de graça era apenas uma pequena abertura para o mundo” (LISPECTOR, 2020b, p.130).

Foi no dia seguinte que entrando em casa viu a maçã solta sobre a mesa.

Era uma maçã vermelha, de casca lisa e resistente. Pegou a maçã com as duas mãos: era fresca e pesada. Colocou-a de novo sobre a mesa para vê-la como antes. E era como se visse a fotografia de uma maçã no espaço vazio.

Depois de examiná-la, de revirá-la, de ver como nunca vira a sua redondez e a sua cor escarlate – então devagar, deu-lhe uma mordida.

E, oh Deus, como se fosse a maçã proibida do paraíso, mas que ela agora já conhecesse o bem, e não só o mal como antes. Ao contrário de Eva, ao morder a maçã entrava no paraíso.

Só deu uma mordida e depositou a maçã na mesa. Porque alguma coisa desconhecida estava suavemente acontecendo. Era o começo – de um estado de graça.

Só quem já tivesse estado em graça, poderia reconhecer o que ela sentia. Não se tratava de uma inspiração, que era uma graça especial que tantas vezes acontecia aos que lidavam com arte.

O estado de graça em que estava não era usado para nada. Era como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existia. Nesse estado, além da tranquila felicidade que se irradiava de pessoas lembradas e de coisas, havia uma lucidez que

Lóri só chamava de leve porque na graça tudo era tão, tão leve. (LISPECTOR, 2020b, p.127-128).

Como nos é possível ver nos trechos acima, o estado de graça pode ser compreendido como um estado de transcendência que atravessa e é experienciada dentro da imanência, uma vez que primeiramente é sentida no corpo através da sensibilidade. A narradora chega a afirmar que o estado de graça se faz diferentemente daqueles que lidam com arte, visto que, de princípio vem o desejo por meio de uma inspiração, isto é, como fosse algo que lhe viesse de fora da experiência. Ela conclui afirmando que o estado de graça consiste em somente afirmar que se vive, que a vida é sentida pela existência, ou seja, transcende quem possui uma vida dentro da realidade imanente, na matéria (LISPECTOR, 2020b, p.128).

Desta maneira, a transcendência e a imanência estão entrelaçadas numa experiência que tem mais a ver com o que se vive no âmbito existencial do que com algo que lhe sobreviesse num sobressalto somente no aspecto teleológico. A transcendência toca e integra-se na dimensão do ser humano.

Em Clarice Lispector, a transcendência não rompe com o espaço temporal, mas antes, se experimenta e vive do que nos é ofertado no tempo, dentro do instante, a percepção da relação de transcendência aparece como uma possibilidade aberta no ordinário da vida cotidiana (ALMEIDA, 2011, p.22).

Postos todos esses aspectos do drama da existência humana, podemos concluir que a experiência de aprendizagem indicada por Clarice Lispector é a de acolher a vida e a própria condição naquilo que ela é, dessa maneira que a felicidade se torna mais próxima, torna-se a nossa companhia. Neste sentido, não alcança a felicidade quem não tem dor, mas quem, atravessada por ela, vive e assume a transcendência como uma espécie de metamorfose ou desvelamento do ser, pois “a mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano” (LISPECTOR, 2020b, p.29). Nessa implicação não deve ser um torna-se de maneira a sustentar-se na própria individualidade, mas na *alteridade* em direção ao outro. Somos em comunhão com os outros. E isto prescinde do caráter ético de comprometimento na relação que possuímos e estabelecemos de modo objetivo com a felicidade do outro.

CONCLUSÃO

“UM ENSAIO POÉTICO DO CORPO”

Este trabalho teve como objeto de pesquisa o estudo do pensamento de Clarice Lispector a partir das obras *Uma aprendizagem ou Livro dos Prazeres* e *A paixão segundo G.H.* Após a leitura das obras, do contato reflexivo e aprofundado desses meses de estudos, podemos afirmar que Clarice Lispector constrói uma linguagem metalinguística que busca falar do mundo e de si mesma partindo da realidade que ela possui. Com o evento literário inaugurado por Clarice Lispector vem também um novo modo de fazer literatura, de refletir, e é apresentada uma escrita que se caracteriza pela transgressão dos limites linguísticos. A escrita clariciana é uma construção de quem está muito submersa na cotidianidade e mais do que isso, parte de uma fineza sensível que a autora possui de mergulhar no interior da vida humana. Ela fala nos seus escritos sob uma ótica existencial, diz do humano a partir do próprio humano fundamentado no que ela mesma sente e vive em um movimento de compreensão da vida desde dentro pra fora numa busca pela *alteridade* em direção ao outro. Partindo do contato com os romances, os contos, crônicas e cartas de sua autoria podemos afirmar que a escritora introduz ou vai pensar uma ontologia, uma metafísica que esteja situada na imanência. A materialidade, a imanência constituem-se o lugar privilegiado onde a sua criação acontece. Ou seja, o corpo, estrutura primeira da afirmação do ser, possui uma importância fundamental na escrita e na reflexão clariciana. Segundo a escritora, o corpo afirma a existência do ser no mundo como também constitui o princípio pelo qual corrobora a construção da identidade do indivíduo. Em sua obra *A paixão segundo G.H.*, a narradora-personagem deseja um mundo real que até então ela não sentia, quer a matéria viva para que principiando no seu estado de alma inicie-se uma humanização total de si. A matéria viva compreende-se na obra clariciana como um desejo de desvelar o ser, para assim abrir-se numa comunhão totalizante com o cosmo, consigo mesma e com o outro, isto é, uma busca de uma identidade que se revela a partir de um processo de abertura a sua própria realidade corpórea e material. O mistério que inquieta a condição humana consiste, segundo a obra clariciana, no profundo desejo de querer não só sentir, mas também tocar na sua própria humanidade, ou seja, conhecer-se a partir da sensibilidade da carne.

Esta matéria viva da qual fala a narradora-personagem no trecho acima corresponde a um processo de abertura do ser para buscar a sua verdadeira identidade. Identidade esta que vai se desvelando no cumprimento, na tarefa que o ser humano tem, que é a de tornar-se mais humano. Provavelmente a metamorfose que o ser humano vive cotidianamente seja esta: viver em um constante processo de humanização. (BINGEMER, 2018, p.110-111). À visto disto, em

sua obra *Uma aprendizagem* ou *livro dos prazeres*, Clarice Lispector irá pensar a partir da personagem Lóri, que vive uma busca por sua identidade e pela felicidade, uma redenção do corpo que passa pelo prazer, pela vida que a habita na sensibilidade de seu próprio corpo. Isto é, trata-se de reconhecer a vida e a própria existência na passagem sensível do corpo.

O corpo expressa-se no tempo e no espaço em um ato transgressor dos limites que se impõe. Este, por sua vez, abre-se numa expressão reveladora do ser enquanto ser. Desta forma só pode existir um ser a partir de um corpo, se não há um corpo, uma matéria, não pode haver o ser em sua existência. Somos viventes do corpo à espera de que algum dia ou em algum lugar inacabado sejamos redimidos de modo que a nossa identidade absoluta seja desvelada para assim encontrarmos a felicidade plena que tanto ansiamos.

Em suma, concluimos afirmando que a nossa felicidade necessita desta compreensão claricana de que a redenção humana se compõe e se recompõe pela busca de comunhão, a radicalidade máxima da *alteridade*. Aqui está a experiência de transcendência na sua expressão genuína e fecunda, o que no rosto do *outro* se me apresenta provém de uma dimensão transcendente de desejo insaciável por vida plena, uma felicidade que estar no acolher a própria humanidade. No acolher o instante cotidiano que temos e que nos faz submergir dentro da vida real.



Encarnação. Colagem de Dimas Oliveira, SJ

*“Eu não sei nada que cada um de vós já não
saiba. Se estivermos lá, onde a Graça de Deus
dança, também nós dançaremos”.*

Wystan Hugh Auden

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marília. *Um Deus no tempo ou um tempo cheio de Deus*. São Paulo: Loyola, 2011.
- ALMEIDA, Marília. *O corpo, matéria espiritual, por Clarice Lispector e Adolphe Gesché*. Pensar-Revista Eletrônica da FAJE, Belo Horizonte, v.10, n.2, 2019, p.135-146.
- BINGEMER, Maria Clara. *Via Crucis e gozo pascal (o corpo em três romances de Clarice Lispector)*. In: DE MORI, Geraldo; BUARQUE, Virginia (orgs.). *Escritas do crer no corpo*. São Paulo: Loyola, 2018. p.110-111.
- FERRATER, José. *Dicionário de Filosofia*. 2ª ed. Loyola. São Paulo, 2004. (Traduzido por: Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno, Nicolás Nyimi Companário.
- KRAUSE, Gustavo Bernardo; FRANKEL, Roy David. *Aprendizagens: a experiência metafísica em Clarice e Hesse*. *Revista Terceira Margem*. Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, Jan/Jun, p.107-137, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/9694>, acesso em: 20/08/2023.
- LEAL, Julie. *O vigorar do corpo na obra a paixão segundo G.H., de Clarice Lispector*. In. Associação Brasileira de Literatura Comparada. Congresso Internacional. Jul/ago. Disponível em:
file:///C:/Users/igorc/Desktop/Estudos/1ª%20SEMESTRE%202023/Monografia/Textos%20referencias%20bibliograficas/Vigorar%20do. 2018. Acesso em 12/05/2023, p.3321.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. 3. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020a.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou Livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020b.
- LISPECTOR, Clarice. Entrevista para o programa "Os Mágicos", da TV Educativa. Arquivo Nacional. Fundo Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa. 1976. Disponível em: <https://youtu.be/IJx58X2Zo9k?si=roFQXjAZra05xby8> . Acesso em 21/08/2023.
- MARQUES, Marcelo, Pimenta. Mito e Filosofia. In: ANDRADE, Mônica; COSCARELLI, Tania (orgs.). Mito. Ed. Núcleo de Filosofia Sônia Viegas. 1994. p. 20- 22; 35-36.
- MOSER, Benjamin (org) *Clarice Lispector Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- VASQUEZ, Pedro Karp (org). *Clarice Lispector Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- RIBEIRO, Nilo. *Sabedoria da carne: Uma filosofia da sensibilidade ética em Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2019.
- SÁ, Olga. *Uma metafísica da matéria ou uma poética do corpo*. Cadernos de Literatura Brasileira. "Clarice Lispector", Instituto Moreira Salles, ed. Espec., n. 17,18. 2004.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica I*. Ed. Loyola. São Paulo: Loyola, 2014.